

POESIAS

OFERECIDAS

AS SENHORAS BRAZILEIRAS

POR UM BAHIANO.

Trop occupé pour corriger,
Je vous livre mes rêveries.

.....

J'abandonne l'exactitude
Aux gens qui riment par métier.
D'autres font des vers par étude,
J'en fais pour me désennuyer.

GRESSET.

PARIS, IMPRIMERIE DE C. FARCY,
rue de la Tabletterie, n° 9.

POESIAS

OFERECIDAS

ÁS SENHORAS BRAZILEIRAS,

POR UM BAHIANO.

TOMO PRIMEIRO.

PARIS,
CHEZ AILLAUD, LIBRAIRE,
QUAI VOLTAIRE, N^o 21.

MDCCCXXV.

Trop occupé pour corriger,
Je vous livre mes rêveries.

.....

J'abandonne l'exactitude
Aux gens qui riment par métier.
D'autres font des vers par étude,
J'en fais pour me désennuyer.

GRESSET.

PARIS, IMPRIMERIE DE C. FARCY,
rue de la Tabletterie, n° 9.

POESIAS

OFERECIDAS

ÁS SENHORAS BRAZILEIRAS,

POR UM BAHIANO.

TOMO PRIMEIRO.

PARIS,

CHEZ AILLAUD, LIBRAIRE,

QUAI VOLTAIRE, N^o 21.

MDCCCXXV.



51-9-27



50417
1949

a. a.

POESIAS.

AO SNR. MANOEL RODRIGUES GAMEIRO

estando o autor prisioneiro em Paris. 1809.

ODE.

QUAM tremulo, e veloz raza o relampago
A liquida planicie, o pensamento
Do mizero vaguéa.

Como ele fuzila, cega, e passa,
Deixando inda mais triste, mais horrendo
Das trevas o negrume.

Qual a espuma da onda em flór quebrada
Figuras forma, que o momento apaga,
Amente cazos finge ;

Prothéo de angustias folga de ofrecer-se
Ante os olhos do inquieto amigo ausente
O monstro da incerteza.

Existe o amigo?... Tornarei a vé-lo?...
Pós de bronze, entre nós a tirania,
Barreira impenetravel!...

Nesse charco lodoso em que chafordas
Dos horrores do crime em tetro gozo,
Envesga os torvos olhos.

Novos se podés mais, suplicios cria,
Monstro, o peor de quantos vomitado
Hão tartareas voragens.

Mas tu irman d'amor, do amigo em face
Hes, qual o pór do sol em tarde amena,
E ceo desanuviado.

Na auzencia, ó incerteza! e vós saudades
Companheiras crueis.... ah! que tormentos
Dais á doce amizade!

Gameiro, embora os fados me persigão!
Santas leis d'amizade inalteradas,
Irão commigo á tumba.

(7)

A MEU PAI.

ODE

improvisada ao fugir de França em 1810.

Dos pulsos as cadeias se desatão!
Da tirania as ferreas portas se abrem!
Quem he que pode tanto?

A patria, o pai, amigos, os parentes
Posso tornar a ver? Deos piedoso,
Graças, senhor, ah! graças!

Sim, n'essas roupas que dão mate á neve,
N'essa risonha face, reconheço
A meiga liberdade.

Não, não deliro, ó Anjo bemfazejo!
Lé no meu coração, aceita as graças
Que devoto te envia.

Rasgado o negro véo com que o futuro
Os dias me enlutava: eis as cores
Do Iris bonançoso.

A mente livre já tem força nova,
De sobre o coração, cahe dos pezares
O enorme pezadelo.

Fosso inda ser feliz! á patria posso
Dar os trabalhos meus, ao pai desvelos,
Amizade aos amigos!

Que! vou ver os lugares onde infante
Brincava, o tecto patrio, os patrios ares,
As arvores, os campos?...

Ó pai querido, posso da velhice,
De filho, e amigo dando-vos cuidados
Aligeirar estragos?

Do coração o jubilo trasheda!
De gosto doces lagrimas afastão,
Dos olhos tristes lagrimas.

Sente-se, e não se dis o que ora sinto!
Lira, tu não tens sons com que descantes
D'alma enlevos tão belos.

AO NASCER DO SOL

indo de França para New-York em 1810.

ODE.

Mimosa solidão, maen da saudade!
Morta parece á natureza inteira,
Neptuno, Eolo dormem.

Descança o nauta, aquilha não balança,
Tudo repousa : Marcia vem commigo
Ver o romper do dia.

Da prata o orisonte a cór imita,
Inda as estrelas não cahirão todas,
Inda frouxas scintilão.

Da innocencia, e da paz taes são os dias,
Em quanto o coração tranquilo vive,
Sem conhecer Cupido.

Já pouco á pouco o ceo se vai doirando,
Lá fogem as estrelas, não vés, sentes
O sol que se aproxima,

Assim antes de amar, amor sentimos.
D'aquelas nuvens no matiz repara
Que se não via ha pouco.

Essas que apenas viamos já crescem,
Mil cores n'um momento perdem, tomão,
As outras ofuscando.

Assim nasce o ciume, assim se aumenta,
E sem n'ele atentar, de nós se apossa,
E amor nos envenena.

Vé como do orisonte reflectindo
Nas bolicosas ondas o aureo esmalte,
No ceo, no mar fulgura!

Tal ao nascer d'amor, amor só brilha,
Más apar d'ele ocultos vem seus damnos
Que cedo, ou tarde matão.

Já lá desponta ó sol, como se alonga,
E como se arredonda! deixa a custo
As travessas Nereidas.

Lá se destaca luminoso globo,
Suspendido na abobada celeste,
Serena lús derrama.

Já todo o espaço ocupa, e ainda o fitas
Sem que deslumbre; assim amor do peito
Se apossa sem que o sintão.

Ah! lá dardeja refulgentes raios,
Se o fitas, de mil soes de cores varias
Cheio parece o vacuo.

A suspeita, o ciume, assim fascinação
Amor, se da razão a pár não marcha,
Se a amizade o não guia.

A NOITE

No mar em 1810 indo de França para New-York.

Tu dos amantes silenciosa amiga,
Que d'Amor os misterios apadrinhas,
Mais doces, quam dificeis.

Tu de quem o silencio favorece
Meditações profundas; que do sabio
Hes o tempo querido.

Engrossa as trevas, enegrece as ondas,
Noite, outr'ora de risos companheira,
Sé hoje de suspiros.

Teu manto de brilhantes semeado,
Que me aprazia contemplar outr'ora
Em pensativo arroubo;

Do teu astro essa luz tão maviosa,
Que aos meus os olhos do meu bem mostrava,
Mais do que'la suaves.

Os fagueiros melindres, os carinhos,
Mais brandos que de Zefiro o bafejo
Que te adoça no estio.

Prazeres e tão vivos, e tão varios,
Quaes em cores os circulos que cingem
De Cinthia a redondeza ;

Favores que avarento cala o peito,
Qual o silencio teu então calava,
D'elles só testemunha ;

Ah! não me lembres, não, mudem-se ó Noite,
Doces momentos em tristonhas horas,
Em lagrimas os risos.

Ó despotas d'amor divinos olhos,
Lingua do coração, sim, eu te amo,
Diceste antes que os labios.

Como d'amor pintaveis os enlevos,
Extasis que sem vós dentro no peito
Abafados ficarão?

Augmenta-se o prazer, prazeres dando,
E vós da amada delatando os gozos
Juntaes ao nosso os d'ela.

Mais o pejo esconder procura os gostos,
Mais indiscretos sois, doces traidores
D'amorosos segredos.

Em languidos requebros quando.... Oh! longe,
Longe moles lembranças, que enfraquecem
O peito nos perigos.

Ancioso pela patria, a patria busco :
Quaes d'ela são meu braço, e a vida, sejam
Meus pensamentos todos.

Ó Noite, manda favoraveis auras
Que o espaço encurtem : Ah! ja são mui longos
Tão miseros errores.

A SAUDADE

indo de França para os Estados-Unidos d'America
em 1810.

ODE.

Tu que n'auzencia privações disfarças,
Na enganoza atração levando amente
Aos sitios da ventura,

Que minoras o mal, nos ais que exhalas,
E sabes dár ás lagrimas que vertes
Agradação do gozo.

Vem querida Saudade, espelho fido,
Em que Amor ante os olhos da lembrança
O bem passado oferece.

Ó venturosa Lua que os lugares
Vás de meus gostos ver, este suspiro
Toma, e n'eles derrama.

Dize-lhes onde estou; que só me deixas
Por tristes companheiras, noite, vagas,
E o desabrido noto.

Vai , dos formosos lumes de Marília ,
O sono pouco a pouco desprendendo ,
E languidos abrindo ,

Vai , e n'esse momento perguiçozo ,
Em que os requebros do celestes corpo
Vires , mal acordado ,

Dize-lhe docemente , porem n'esse
Mudo falar que os labios não conhecem ,
Que os olhos só comprehendem ,

Dize-lhe!... a tirania com que matas
He mui doce ó saudade ! basta , vai-te ,
Se me não deixas , morro .

Ó d'auzencia cruel querida amiga !
Tão vivas recordar gratas memorias
Bem he , peor que o mal .

He dar amargo fel em taça de oiro ;
Dobra o mal do infeliz do bem o aspecto ,
Basta , não mais saudade .

A MARCIA.

ODE.

Philadelphia, 1811.

Le feu qui semble éteint souvent dort sous la cendre

Rodogune, CORNEILLE.

Sim! inda existo, o peito inda se inflama!

Sim, amar inda sei, renascer sinto

Amor! Cupido graças!

Supito estava amor nos dissabores,

Hoje revive o germen que mantinha

O coração que he d'ele.

Ah! não podia amar, amor sentindo,

Morto vivia, porque he morte a vida

Que d'amor se não nutre.

Teus meigos olhos de minha alma enlevo,

Labios de ardentes bejos cubicosos,

Amor desafiavão;

Nos braços te estreitava, mas na idéa,
Matando amor futuro pezaroso,
O coração gelava;

Se adormecer amor o pezar pode,
Mais vivo torna quando os males cessão;
Como te quero ó Marcia!

Vem, ó meu bem! vem ver como afastando
As magoas, o pezar, amor contigo
Do coração se apossa!

Se amo de Nize os olhos, são teus olhos,
Se de Tircea o corpo, são teus modos
Que n'eles vendo adoro.

Que vale que de ti divise encantos
A qui, e a li dispersos! e que importa
Vér mais raras belezas!

Só tu reunes graças porque morro!
Qual me namora mais dizer não posso,
Sei que hes tu que me encantas.

Duplicação o prazer passadas magoas,
Ah! vem gozar das chamas amorozas
Que reviver fizeste.

ODE A BELEZA,

oferecida a Mlle B, filha de Guadelupe.

New-York, 1811.

O dos olhos enlevo, alma do peito,
Dos corações ó despota querida,
 Dos bens da vida cauza!

Aceita os votos meus, assim tão puros,
Como os que dás prazeres inefaveis,
 Ó divina Beleza!

Se por um favor teu dás mil disgostos,
Que importa? Um favor teu, não dá mais gosto,
 Que pena teus tormentos?

Os disgostos que dás medir-se podem,
Mas os prazeres não, sempre são novos
 No favor concedido.

Na mesma tirania hes deliciosa,
Se um instante a tormenta, he para dar-nos
 Mais gostosos momentos.

Os caprixos, desdens, ciúme, enfados,
São incentivos, precursores tristes,
De amoraza alegria.

Se as nuvens ofuscar o sol parecem,
Quando as dissipa e surge, mais brilhante
A vista se afigura.

Vem no meu coração ver como imperas!
Vem só, ah! vem qual hes, vem como as ondas
De Gnido a Deosa virão?

Quanto mais nua, tanto mais agradas:
Se disfarçar defeitos pode o adorno,
Dá quebra á formosura.

Essa arte só que falta d'arte finge
Emprega, sejam postos teus enfeites
Pela mão do descuido.

Em roupas de manhã deixando oleito,
Antes que o toucador te insulte, encantas
Qual leda madrugada.

Quasi despida, destocada Venus,
Ante as rivaes no Ida se apresenta,
E Paris não balança.

Não empregues Beleza alheio adorno ;
Da Lua o brilho nota como he baco ,
São emprestadas cores.

A teus pés vés curvado o mundo inteiro
Contente de render-te vassalagem ,
Tão grato he teu dominio !

E se existe um mortal que te resista ,
Toma as formas de Lilia , e entóa afoita
O hymno da victoria.

A MADRUGADA.

ODE

feita em Philadelphia, 1811,

VEM ó tu do meu bem fiel retrato,
Precursora do sol, qu'ele mais linda,
Serena Madrugada!

Retem de Phebo os fervidos ethontes,
Tua suave claridade alonga,
A forte luz deslumbra.

Envergonhão amor do sol os raios,
O pejo augmentão, que se á amor dá vida,
Os seus favores matã.

Macia escaça lús, meigo silencio,
São d'amor os queridos companheiros,
Amor quer o misterio.

Tu moves sentimentos maviosos,
Reve-se em ti o amante, e ve d'amada
As gostozas meiguices.

Nutrem modesto amor puros carinhos,
Doces nada, fantastica esperança,
Engano venturoso.

Levar o coração de enlevo, a enlevo,
Eis o que amar se chama, o mais he Venus
Nas redes de Vulcano.

O auge dos prazeres he dilirio,
D'ele o gozo decahe, o enfaro nasce
Das ruinas do pejo.

Girão dezejos do fastio em torno,
Se a fagueira esperança os não a fasta,
Se o tocão, emurchessem.

Qual hes do Ceos o mais mimoso adorno,
Madrugada! He d'amor oceo, a gloria
Amar, se amor he puro.

Quem, poderá pintar os teus encantos
Das trevas fim, da luz gentil principio,
Bonita Madrugada!

O ondeante verde prado como alegre,
O matiz das boninas, que realça
O aljovar que entornaste?

O bosque!... mas do sonho deleitoso
Quem me desperta? Porque tão azinha
Vens ó dia importuno?

Porque as portas d'oriente patenteaste
Do sol aos resplandores, Madrugada,
Porque tão cedo partes?

Os deleites que n'alma se espraivão
Comtigo todos vão : já me incomoda
De Phebo o quente lume.

Tão veloz foge do prazer o tempo,
Quanto entristece dos passados gostos
A saudoza lembrança.

AO CHEGAR A BAHIA INDO DE NEW-YORK.

1811.

ODE.

SALVE ó berço onde vi a luz primeira!
Risonhos montes, deleitosos ares!
Eu te saúdo ó patria!

Como no peito o coração festeja!
Todo me sinto outro : são delicias
Quanto em torno amim vejo.

Tem outro ár o Ceo, outro estas arvores!
Por onde adeja Zefiro embalsama!...
Dá que te beije ó terra!

Deste que só tu dás prazer, tres lustros
Privado, qual proscrito arrasto a vida
Em forçados errores.

Ó quanto da ventura o ledo aspeito
Das passadas disgracas a lembrança
Nos apresenta viva!

Não ouvera prazer se a dór não fora ;
Perene fácil gozo, toma a essencia
Da fria indiferença.

Aqui foi que eu nasci, devo a existencia,
Devo tudo o que sou á ti ó patria !
Eis-me, he teu quanto valho.

He nos trabalhos que no peito ferve
O nobre patriotismo : o braço, o sangue
Aqui te entrego ó patria !

Pod
As

Os
Sou

Cor
Nã

Se
Fu

Eu
No

A SNR. D. G. NO RIO DE JANEIRO.
1812.

Felice qui vi mira
Ma piu felice qui per voi sospira.

ODE.

Pode o Averno abrandar, e póde em Thebas ,
As pedras agitar tangendo a lira
D'Euridice o esposo.

Os moveis das paixõens a sabor toca ,
Sou terno , ardente sou , Segundo agrada
A magia d'armonia.

Como ferindo o ár, o peito fere
Não se explica, sentimos, e gostamos
Do arroubo dos sentidos.

Seu divino poder dobrou de graças
Furtando Amor á Euterpe a lira d'ouro ,
E entregando-a a Gertruria.

Em suave descuido o corpo airozo ,
No cubicado seio brandamente
A lira reclinada ,

Movem cordas sonoras niveos dedos....

Em extasis vacilo quem mais goza ,

Se os ouvidos, se os olhos.

Celeste canto solta, e mais se animão

Do lindo rosto as graças, que no peito

Doces paixões acendem.

Núm languido volver, nos meus que os buscão,

Parão seus olhos, que a vontade prendem ,

Em terno cativeiro.

Quanto a muda expressão d'uns lindos olhos,

Entende co'alma!... Sim Gertruria um nume

Eu sou, se os teus não mentem.

Tem cada modo seu diverso agrado,

Graciosa rindo, bela quando fala,

Sempre, sempre adoravel.

Felis quem de Gertruria teve un mimo,

Felicissimo aquele que em sua alma

Tiver fagueiro abrigo.

AO SNR. VICENTE NAVARRO.

Rio de Janeiro. 1812.

Amitié, doux penchant des mortels vertueux,
Le ciel te fit pour l'homme et surtout pour le sage.

ODE.

TEU preço não conhece o vulgo ignaro,
Gentil filha do Ceo ; rendem-te cultos
O virtuoso, o sabio.

Ó tu melhor dos bens, santa amizade!
Redobras no prazer, nas magoas cresces,
No coração do amigo.

Quando espojava, os olhos envesgando,
No lodacal de horrores, torvo monstro,
E as garras nos lançava,

Quando foi crime o são patriotismo,
Ante esses olhos mil d'Argos nefando,
Balançou-se um momento?

Quando iludindo vil Prothéo de crimes,
Neptuno debelámos, a amizade
Era quem nos mantinha.

Quando a calúnia torpe!... Ante o Rei justo,
A virtude curvar não pode ao crime,
A virtude triunfa.

Já do futuro incerto roto o manto,
Brilhe a alegria; de Cabral nas plagas
Festegemos teus annos.

Fervilhe no cristal roseo champagne,
Dos amigos auzentes, das amadas
Ergue, Navarro, o brinde.

A ESPERANÇA.

ODE.

No mar indo do Rio de Janeiro para a Bahia.

1813.

SE o orfão, se a viuva a rosto enxuto
Vêm dos despojos seus ornar-se o iniquo;
Se o perverso exultando oprime o justo,
E a justiça não brada.

Com tigo ri nos ferros a innocencia.
Se ao crime pezão, a virtude adornão;
Do máo punge o remorso n'abastança
O peito que abandonas.

Se malogradas do cultor as lidas,
A sorte maldizendo, lhe prometes
Novas primicias, de fadigas novas,
Contente abraça o arado.

Meiga Esperança do infeliz no peito
Quando entornas teu balsamo, consolas
Qual marchetada Aurora a levantando
As cortinas da Noite.

Quaes os monstros que as nuvens a figurão,
Nebuloso por vir antolha amente,
Tu chegas, e contigo as magoas fogem,
E o futuro se doira.

Já prestes a ceder á má ventura,
Tua vós do infeliz n'alma ressóa,
E qual Iris do nauta o rosto alegre,
O animo lhe escóras.

Mostras no bem perene que prometes,
Do precario a diferença, e nos ensinas
Os homens o que são a pár dos Numes,
Essencias comparando.

Se o desgraçado sabe quanto enganas,
Como prometes bem, e o bem não goza,
Gosta de se iludir, gosta de crer-te
Querida mentiroza.

Se ventura não hes, tens os seus traços,
Se enganas, hes no engano lizongeira;
Sem ti fora chimera a liberdade
Em que a patria inda espero....

Eia ilude-me sempre, dá que eu julgue
Verdades meus delirios: não me deixes,
Só tu me restas lizongeira amiga,
Ah! bem haja Pandora.

A MELANCOLIA.

No mar indo do Rio de Janeiro para a Bahia.

1815.

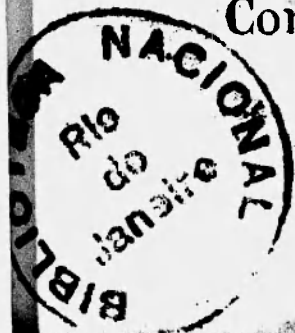
ODE.

CHAME embora prazer a mente stulta
O enfadonho motin das sociedades,
Imagine gozar quando se aturde
Na importuna alegria.

O perfeito prazer mais que do gozo
Deixa á pós si delicia duradoira,
Que longo tempo a mente saboréa:
No gozo a d'ele expira.

Em quanto da ilusão se nutre o vulgo
Oh! como he doce junto á clara fonte,
No verde manto do Salgueiro envolto,
E Marilia na idea,

Ver a macia luz que Cinthia espalha,
O bafejo sentir com que Favonio,
Do bosque silencioso agita as folhas,
Convidando os suspiros!



Se um barco alveja então sulcando as aguas,
E se vai pouco a pouco separando,
Do apartamento imagens que desperta,
Poem no quadro a Saudade.

Mimosa companheira da ternura,
Do mal ao bem passagem feiticira,
Suave agitação, em qu'alma goza
Sem esse afan do jubilo.

Prazer que tens de dór feições mui fracas,
A tristeza te apraz, os ais te agradão,
São gostozas as lagrimas com tigo,
Doce Melancolia.

Só delicado espirito aprecia
A delicia que dás, tu não te mostras
A escura multidão de humanos rudes,
E vulgares amantes.

Mais queres do que amigo, terna amiga,
No coração de quem meiga te entornes,
Mais delicada, melhor sabe a lingua
Que dilata as delicias.

As tuas misturar sabe uma lagrima,
Que filtra ao coração : da frauta sente
Os mayiosos sons, que suspiravão
Metastassio, e Tibulo.

Suave Lilia assim passei com tigo,
Quando depositava no teu peito
Uma vez os desdens, outra as meiguices
Que Marilia me dava.

Sempre que te busquei, consolo tive,
Contando-te meus gostos duplicavão,
Eas magoas repartindo, nos carinhos
Minoradas sentia.

Em pranto beijo os maviosos versos,
Que fino tacto, e as graças te dictarão;
Do espirito a polidez, d'alma a candura
N'eles saudoso admiro.

Porque fora dos máos, os bons unidos
Qual nos Elisios, cá, viver não podem?
Porque he forçozo, ó Lilia, que dos mares
O espasso nos separe?

Arte divina que a distancia ilude,
A escrita, ó Lilia, supra-nos as vozes,
Sempre, sempre de ti, dos teus me fala,
E as vezes de Marilia.

A GRATIDÃO.

No mar em 1813.

ODE.

PARA fazer o bem ternura basta,
O dó despertão do infortunio as queixas,
Ao bem fazer nos leva oculta força,
Que a desgraça acompanha.

Tal prazer se experimenta o bem fazendo,
Que he fazer mal a si privar-se d'ele;
Longe dos homens coração de ferro,
Se o que digo não sentes!

E nem da ingratição, para disfarce
Do gelado egoismo, armar-te busques;
Não fora tão gostosa a humanidade,
Se os ingratos não fossem.

Melhor que o bem fazer so tu conheço
Ó nobre Gratição! Se hes menos doce,
Do beimefeitor o aspecto olhar sem pejo,
Tem do sublime assomos.

Fas superior a outro o beneficio,
A idéa de inferior fere a philaucia,
Exaspera o equilibrio mal guardado,
Da balança da sorte.

Ensovalha o favor se vem do orgulho,
Abafa a gratidão; se vem do honesto
Delicadeza o enfeita, alegre, e perde
Do favor o ressabio.

O pobre não coteja os seus farrapos
Có brocado do rico se o merece,
Da bem faz seja mão a esmola aceita,
Qual don da divindade.

He tão belo em segredo ornar de pranto
O beneficio, quanto ao que o recebe
Có a voz da gratidão alto dize-lo.
Assim ambos se honrão.

A VIRTUDE.

Indo do Rio de Janeiro para a Bahia. 1813.

ODE.

O homem co' a invensão supera o bruto,
O impulso das paixões có a razão doma,
Amor o faz humano, a honra probo,
Ornalhe a mente o estudo.

Mas no olvido dos seculos a morte
Tudo some, se vós porção do Eterno,
Vós qu'ao Eterno semelhaes o homem,
Não lhe endeuzaes o espirito.

Da omnipotencia a Mão sinto elevar-me,
Fora me julgo da fraqueza humana,
Quando falas virtude; e ao mesmo Eterno
Cuido tocar de perto.

Se a força ao cadafalso o justo arrastra,
Cahe das mãos do juiz das leis a espada,
Córa a injustiça, treme a tirania,
E ant'ele réos parecem.

O perigo, a miseria ant'ele embora
A enorme catadura açanhe, afeie,
Baqueie o mundo embora, entre as ruínas
Serenos altea a frente.

A seu mal impassível, terno ao d'outrem
Não goza se outro sofre, a dór espreita
E os bens que fás com lagrimas ornando,
Nunca insulta o infortunio.

De-rojo, quando vil serpeja o crime,
Brilha, qual resplendor de luz celeste,
Na èterea região o espr'ito a deja
A tudo sobranceiro.

O que ao vulgo deslumbra desdenhando,
Da Fortuna ouro-pel, n'adversidade
De fingidos amigos não espanta
O refalsado rosto.

Sem ti nobres paixões se tornão vícios,
He conluio a amizade, amor licencia:
Grasna o remorso se emudece o crime
No peito do perverso.

Na vida o máo do bem goza arremedos,
Na morte os crimes em tropel o esmagão;
Todo he remorso então : có a morte o justo
Melhor vida recebe.

He da vida no termo, he na desgraça
Que desfeitos do engano os vãos fantasmas,
Chorando os devaneios, porem tarde,
Pela virtude exclama.

A AMIZADE.

Indo do Rio de Janeiro para a Bahia, no mar 1813.

ODE.

SUAVE inclinação d'alma sensivel
Do sabio apreciada, e mais querida
Do homem virtuoso.

Tu que do amigo ao lado o gosto augmentas
E a poucas o pezar : mimo do Olimpo
Carinhosa Amizade,

Do puro coração deleite, e vida,
Irman d'Amor; sem venda, sem archote
Sem agro de ciume.

Mais do que amigo, só conheço amiga :
De seu sexo meiguices privativas
A Amizade requintão.

O amigo he outro eu, no amigo existo
E o laço encantador que as almas prende,
Es tu nobre Amizade.

N'Amizade o favor desaparece
São gostozo dever os sacrificios
Tudo merece o amigo.

Para salvar o amigo o pr'igo esquece,
A sanha da desgraça afronta, e a morte
O animo sublime.

V.
D.
Q.
N.
C.
C.
M.
D.
S.
H.
M.

AO SNR. PAULO JOZÉ DE MELLO,

então em Lisbóa. Paris, 1806.

EPISTOLA.

Heureux qui vit en paix du lait de ses brebis,
De leur simple toison voit filer ses habits,
Qui soupire en repos l'ennui de la vieillesse
Aux lieux où pour l'amour soupira sa jeunesse.

RACAN.

VENTUROSO o mortal que longe vive
Do tumulto enfadonho das cidades,
Que de Flora, e de Ceres dado ao culto,
Nos campesinos bens delicia encontra:
Claros, tranquilos os seus dias correm,
Como a limpida linfa que o sacia.
Mimos da prole, afagos da consorte
Doce lhe tornarão da idade o pezo.

Sem a opressão que o espirito aniquila;
He no teu seio que do genio as molas,
Mostrão quanto vigor lhes deu natura.

As leis que a illustre Roma fés ditosa,
 Foi no teu seio que estudou Pompilio.
 Vós campos Mantuanos inspirastes,
 Ao sublime cantor sublimes versos ;
 Nas margens do Mondego, ou nas do Ganges,
 Foi que Apolo baixou a ter com tigo
 Camões, grande Camões, genio divino.
 Murchão na frente dos heroes os loiros,
 Os monarcas baqueão do alto solio,
 Esbroão raios empinadas torres,
 Grandezas, honras, titulos acabão ;
 Mas teu nome Camões transcende o olvido,
 Qual as eras eterno, he sempre novo.
 A morte destruir não pode o genio,
 Porção sagrada qu'emanou do Eterno.
 Gostosa solidão da pás morada!
 Gerão, arreigão n'alma tuas auras,
 Virtuosos altivos sentimentos.
 Provem da tirania os vicios todos,
 E tu da liberdade o stadio ofreces.

De momento em momento un quadro novo,
 Mandas risonho captivar os olhos.
 E que de vós privado sorte adversa!...
 Homens que só de humano a forma tendes,

Entes qu'ensovalhaes a natureza,
Dos fados apezar hei-de fugir-vos.

Foge o Paulo d'estranhos climas foge!
Vai no lindo Maré gosar da vida.
São vistas as demais, vista uma corte.
Por cá verias quanto lá tens visto
D'afidalgados Mydas a cohorte,
Expressões só dos labios, falso rizo.
São tão raros os bons por toda parte,
Como por toda parte os máos abundão.

O velho habitador do velho mundo,
Prazeres naturaes tendo es gotado,
Acomode a seus vicios seus prazeres:
Mas quem n'um mundo novo origem teve,
Vá no seu mundo ter prazeres novos.
Viçosa Natureza nos circunda,
E velhos hemos ser onde ela he moça?

Afasta ó sabia mestra! ó maen dos entes!
De mãos ingratas teus perenes mimos;
Arem filhos ingratos, terra ingrata.
Inda bem que os deixaste, e o Mundo Novo
O teu querido he, com nosco habita!

Paulo, consulta, lé, nudita estuda,
 O livro que ante os olhos tens patente.
 Arando as terras examina os sulcos,
 Seméa, e da semente segue o curso,
 Como rebenta o germen, como cresce,
 Que tempo, que terreno mais lhe qudrá,
 Se o fundo ou flor da terra mais dezeja;
 Se linfa te pedir busca regala,
 Se o sol lhe cresta a face da-lhe sombra.
 Ou da poda, ou do enxerto espreita a quadra,
 Do tronco a consistencia, eo parentesco,
 Quando a flor desabroxa, e em botão fexa.
 Consulta da semente amadureza
 Antes que da colheita alida encetes.

Dos novillos escolhe o mais formoso
 O cordeiro o mais forte, e da progenie
 O curral povoar pertensa á estes.
 Como os fructos melhores torna o enxerto,
 A melhora-se a grei cruzando as raças.
 Limpeza nos rediz jamais faleça,
 Onde abrigados os rebanhos durmão.
 De plantas nutritivas farta os pastos,
 E cuidadoso das más busca expurga-los.
 Na tosquia a tisoira a pele evite.

Dos bois o pasto separado seja,
 Do pasto em que outra grei tira o sustento,
 Ou primeiro que os mais, o boi só pasce.
 Males propios ao clima, á especie propios
 Devem ser estudados junto ao inferno;
 He do cultor o gado a grão riqueza.
 Na pratica verás mais que nos livros.
 O velho lavrador consulta atento,
Pois inda que em sientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.
 As cortes desdenhando, e seus fantasmas,
 Na patria herdade assim tranquilo vive,
 Quem de cuidados taes prehenche os dias.

Ver novas gerações, melhores outras
 Pelos desvelos seus, quem mais cubiça?
 De casal em casal seu nome passa,
 Com ele correm as idéas suas,
 Enriquecendo a patria, a si, aos outros,
 Deixa nos corações grata saudade.
 Povoação, commercio, artes, sciencias,
 Mudão, mudando de cultura a terra.
 Dos imperios a sorte está no arado,
 Não consiste na lança a força d'elles.
 Lagrimas banhão da victoria o carro,
 O triumpho em segredo o Eróe prantéa,

Luto succede da victoria aos vivas.
Essa arte deixa que natura en luta,
Abraça a outra que natura adorna :
Gloria, prazeres, pás , ventura encontra
Quem das cortes fugindo, o arado abraça.

Parte para Maré , e seja um dia
A Ilha de Maré de Venus ilha,
Da virtuosa esposa os mimos goza ,
A velhice da Maen suave torna.
Espera o B... que saudoso fica
E amão do pai beijar , do amigo as faces ,
Em breve tempo correrá contente ,
E das cortes mofando, e seus enganos ,
No patrio ninho que adoramos ambos ,
Da pás e d'amizade no regaço ,
Dias felices passará com tigo ,
Uma yés da ventura o rosto vendo.

AO SNR. FRANCISCO FRIERE,

Religioso Graciano em Coimbra.

Paris, 1806.

EPISTOLA.

QUANDO elevar o animo abatido
Do Luso Ouvidio buscas; e magoado,
Quando em saudosa vós o irmão pranteas,
Leio em teu coração, lendo teus versos.
Bem gostosas lembranças me acordarão!
E qual sohia em quadra mais ditosa,
Quis em verso escrever-te, más debalde.
A fugentão da chimica os máos cheiros,
Deosas afeitas â suave aroma.

Tento a empreza difficil, e do sena,
As margens do Mondego, ahí vão meus versos.
Sem novas tuas dice, o tempo levão
Do Parnazo os correos, aos de França.
Más se aescas provem porque tresbordes
De limfa d'Aganipe, ou porque fófo
Dos fóros do Permesse, imitar queres

Aos que ostem de outra guiza ; não esqueças
Que he lhano, he social o irmão das Muzas,
Qu'entre os homens vivéo guardando cabras ;
Ese no Pindo de peão me tratão
Hei petição na pasta de Minerva
E quica que um brazão me seja dado !
Dão vias desiguaes igual nobreza,
Como do Pindo ac Templo da Memoria,
Dos Paços de Minerva, he curto o atalho.

As ilhargas com rizo aqui te estoirão !...
Ilusorio poder da fantasia,
Que seria d'aqule que as prestanas
Das chamas da Candéa vé lambidas,
Rheumatismado o peito, a vista curta,
E os bens em cartapacios drogas, cacos,
Ah ! que seria d'ele, se não fosses ?
Mas com tigo, da sorte os dons desdenha,
E vai seu nome abrir no fim das eras.
Que vale que d'Achiles, que de Gama,
Os illustres cantores mendigassem,
Que na masmorra Galiléo, que o genio
Em ti Lavoisier no Cadafalso !...
Se da roda dos seculos seus nomes,
A carreira veloz robustos parão.
Ahi tens do estudioso o nutrimento,

Tirem-lhe as ilusões que o tem perdido
Mas de tal nutrição o gosto he fino.

Mostrei teus versos a Filinto Elysio,
Que depois de pitadas sorver quatro,
O canto mavioso alto entoando,
De momento em momento dava um bravo,
Viva, o novo poeta repetindo;
Vivas, tornavalhe eu, e amigas palmas,
De jubilo exultando, rebatia.

Com selo magistral o Luso Horacio,
Depois de registrar, marcou teus versos:
« Zoilos tremei, posteridade hes minha »
Ao bravo de Filinto dice Elmano,
Bravos te dá Filinto, que mais queres?

E em quanto em aureo plectro vás cantando,
Nos fornos os cadilhos candescendo
O metal fundirei com que teus versos,
Eterno styreotypo multiplique.

AO SNR. D^r FRANCISCO ELIAS RODRIGUES
DA SILVEIRA.

EPISTOLA

Dirigida de Paris á Lisboa em 1806.

OLHOS vendados, e bordão na dextra
Co' as doenças jogando a cabra cega,
Certo mordás pintava a Medecina.
Era o empirismo, e o nome confundia.
Como có a natureza conversava
Hipocrates outr'ora, e Elias hoje,
Se osoubesse, do quadro coraria.

Manes de Boherrave se insultados,
Fostes por charlataens, corre a vingavos
O profundo Silveira. Em debandada
Perdido o passo grave, eilos a trote,
O embrulhado vasconso deslindado
Amascara cahio, eilos por terra.

Graças Silveira recipes cordatos,
Tristes doentes livrarão da tumba;

Gatos-pingados hão de tersueto,
E os sinos mudos penderão nas torres.
Mas leva o teu saber á patria nossa,
Onde a luz recebeste, augmenta as luzes.
A natureza virgem mil segredos
Tem que dizer-te, quer falar com tigo.
Cuidosa semeou com mão prudente
O antidoto eficaz junto ao veneno:
Contem cada paiz quanto lhe cumpre,
Remedios proprios tem, se males proprios
He do medico sabio o pesquisalos.
Distila, rala, piza, queima, infunde
Combina, simplifica; não descances,
Por abrolhos se vai da Gloria ao templo.
Campo ás experiencias tens fecundo;
Da natureza emflór doces primicias
Terás, com que teu nome eternizando
D'Epidauro asciencia enriquecendo,
Avida curta alongarás ao homem.
No Mundo-Novo, novos bens espalha.
Parte, das Belas não te empessa o pranto:
Perder de vista uns olhos feiticeiros,
Um surrizo que o peito queima, custa,
Mas da Fama o clarin alto ressóa,
Nas almas quaes a tua, virtuosas
Ó patriotismo abafa as paixões todas.

(54)

**De Gameiro , de Paulo , d'Oliveira ,
E aos d'esses poucos mais fidos amigos ,
Juntem-se exforços nossos e da patria
Vamos bem merecer , morrer por ela.**

E
O
L
N
D
E
H
C
M
T
I

AO SNR. MANOEL RODRIGUES GAMEIRO.

EPISTOLA

dirigida de Paris a Lisboa em 1806.

De mes jours orageux tu charmeras lo reste ;
Je chanterai partout et ton ame , et ton cœur ,
Et partout l'on dira ; constant dans le malheur ,
L'un des deux fut Pylade, et l'autre fut Oreste.

EMBORA os homens queirão , queira a sorte ,
O doce d'amizade em fel tornar-nos :
Laços que o ceo formou romper não podem.
Nos nossos corações tomas raizes
Da provada amizade o calo honroso.
Embora raivem que d'amigos , ambos
Hemos de conservar sagrado o nome.
Como os annos nas más arreiga os crimes ,
Nas almas puras a virtude firma.
Na idade em que as paixões nos ferem leves
Tinha culto a amizade em nossos peitos ;
De suas leis ignaros verdes annos ,

Suave inclinação nos ajuntava,
Não era conhecida, e tinha ensenso
Tão puro como as almas que lho davão.
Puro lho avemos dar em quanto vivos.

Sacrosanta porção do Autor dos Mundos,
Ó doce precizão do homem sensível,
Dever gostozo, candida Amizade!
Sem ti que pezo me seria a vida!
Com tigo como as dores se minorão!

Recorda como o nobre patriotismo
No coração ardia quando juntos,
Vindoiros bens à patria meditando,
Cuidavamos já dar-lhe o sangue, e a vida;
Como já nos julgavamos errando,
Para servi-la, por alheios climas,
Como.... basta. D'Amalia quando os olhos,
Quando um sorrizo seu te abria o rosto,
Como o prazer nas faces me brilhava!
Nem dúm de nós com lagrimas os olhos,
Do outro os olhos encoutrou enxutos.

Da intriga falha o golpe em peitos nobres.

(57)

Venhão desgraças , os revezes chovão ,
Cançai vosso poder , nós não cançamos.
D'amizade com fogo inextinguivel
O nosso juramento está gravado.

A MEU PAI.

Paris , 1809.

EPISTOLA.

Dos laços de familia dimanarão
As leis qu'em sociedade ajunta os homens :
Dos laços de familia nasce a honra ,
O patriotismo , o brio , d'elles nasce.
Fora da escala está d'entes sensiveis
O que as vozes do sangue des conhece :
Ao Tigre , aos Javalis o filho he caro.
Os desvelos notai que exige a infancia
E examinai se algum ao pai fatiga !
Fitai-lhe o rosto e saber ás do filho.
Aos extremos de Maen , outros se igualão ?

Có o filho empr'igo a maternal coragem
Não mede os riscos não calcula as forças,
Esquece-se de si , tudo aventura.
Meninices que aos outros enfastião,
São delicias dos pais. Mimos não bastão
He pelo filho que em suor goteja.

Triste de quem como eu perdeu no berço,
Da virtuosa Maen ternas caricias.
Sombra querida, aceita lá do Empireo,
Do amante filho respeitosa lagrimas!
Mimos d'outra Maen tive, mas a Morte!...
Possão teus manes repousar tranquilos,
Vendo a concordia na familia tua.
Irmãos me deste, e lhes deixaste amigo.
Com lagrimas sentidas da saudade
Hemos de honrar, banhar as cinzas tuas:
Não hemos de insultar tua memoria.
Respeitada serás como se fosses;
Honradas hão-de ser do sangue as vozes.
Mal haja o filho ingrato. Porem quando
Doçuras de familia, hei de gozarvos?
Fugis de mim qual d'orfão deslembado.
Ele aumenos da patria no regaço,
Entre os amigos.... Horrido desterro
Não lhe a ferrolha as portas do futuro.
De ferros se carrega o patriotismo
Aqui, chorar o pai, e a patria he crime.
Barbaro despotismo azeda os males,
Folga que da mizeria as mãos mirradas,
Do misero as entranhas dilascére!
Conforto do infeliz, mimo do Eterno
Santa Religião, escuda o triste!

(60)

Nunca mais vos verei , ó pai ! ó patria!...
Sofra-se antes a morte , do que a infamia ,
Dos despostas aos pés curve a baixeza.
Malogrei meus trabalhos ? erão todos
Cara Patria porti , eis meu consolo ;
No peito vivirás em quanto a vida.
A tirania pode , pode a sorte
Ter-me em desterro , terminar meus dia
Porem meu coração mudar não pode.

AO SNR. FRANCISCO MANOEL DO NASCIMENTO

(FILINTO ELYSIO.)

Paris, em 1810.

EPISTOLA.

VEIO-ME có a razão o amor da patria,
Aquela enobrecendo, este incitando
O estudo, vereda encontrar busco
Qu'a prol da patria os passos me encaminhe.

Nas plagas de Cabral, meu patrio ninho
Tão louçan, quanto inculta a natureza
Admiro absorto. Aqui longevos bosques
Com verde espesso manto insultão, quebrão
Do sol os raios, e os erguidos cimas
Vão tupetar cóas nuvens: aprumados
As curvas praias ornão, os pés dando
Aos abraços de Thetis, hospedosos
Ferteis coqueiros, que no fructo ofréssem
Ao lasso navegante, o licor doce,
A saborosa polpa, o azeite, o prato,
E nas fibras do tronco a forte amarra.

Qual Cibeles mamífera entre as Deosas,
 He matrona dos bosques a Jaqueira.
 Por entre luteas flores, verdes ramas
 Do patente casulo pende a felpa
 Do niveo Algodão; bem quaes d'Odino
 Nas plagas, os carambanos alvevão.
 Os jambeiros Favonio embalsamando,
 No matizado prado ergue a coróa
 O cheiroso ananaz, o rei dos frutos.
 A quente especiaria não falece
 Nem balsamos, e aroma, e a casca amiga
 Da existencia do homem. Mais brilhantes
 Sorteadas cores patentea Flora,
 De mais gostosos mais brincados dotes
 Pomona aqui se arréa: aqui de Ceres
 São prodigos os dons. Mais longe encaro
 O Gigante das agoas dominando
 Despota sobre os mares: n'estes climas
 Em tudo farta a mão da Natureza,
 The nos orrores seus grande arrebatá.

Porque junto a tão solidas riquezas
 As fontes d'esse ouro insultuoso
 D'esse empeço da industria, esse que incita
 As sordidas paixões, deslumbra estados
 Natura póz? Por ele o homem muda

O curso aos rios , desmorona serras ;
Por ele de insultada a Madre Terra ,
Mostra na esteril face a injuria sua.

Vingar de Ceres pretendi a afronta ,
Deixando os patrios , em alheios climas
Vim luzes grangear : e quando o estudo
Refucilar da lida permetia ,
Deleitavão-me as Musas. Li teus versos ,
E Horacio em Luso metro ler cuidando ,
A mente , ao coração juntos falarão.
Ah ! quantas vezes pranteci teus fados ?
Quantas depois aos meus hei dado graças
Porque derão que eu visse o Luso vate ?

O poetico stadio tu me abriste ,
Se um dia em brando ocio , verso digno
Correr da pena minha , a gloria he tua.

Sem o incentivo teu , sem teus concelhos ,
Como versejarei de ti distante ?
Teus versos estudar , louvar teu nome
Em baixa escura proza , eis quanto posso.
Do fraudulento Oceano os perigos
Vou de novo arrostrar. Vou ver o berço
De Washington , de Frankelin.... Ficas Filinto ,

E eu parto!... Porque o mar divide as terras?
Qual prende as almas d'amizade o laço,
Porque ligar tambem no pode os corpos?
Tal quer a natureza, e tal nos dicta
Na saudade, atracção que o peito arrasta
Para ao do amigo qu'está longe unir-se.

Se os ceos derem que um dia a cara patria
O mui querido pai, e amigos veja,
Com nosco vivirás Filinto amigo.
No certame poetico teus versos
Nosso farol serão. O Luso idioma
Hemos de aprender n'eles, e com tigo
Relendo-os vezes mil, conversaremos.
E quando juntos no amical banquete,
Nos copos espumar festivo Bacho,
O primero tinir será teu brinde.

Em tanto qual vai ser a sorte minha?
Alhéas terras deixo, alhéas busco!...
Quando verei os bosques onde infante,
Dei os tenrinhos passos mal seguros?
Quando.... Filinto, adeos, lembre-te as vezes
O mui saudoso, grato amigo B.....

EPISTOLA

escrita da Fazenda do Pinum ao Sr M. R.
Gameiro então na Bahia. 1812.

. Les arbres sont fidèles,
Sont des hôtes plus sûrs, de plus discrets amis,
Et tiennent beaucoup mieux tout ce qu'ils ont promis.

DELILLE.

RESPIRA coração! Eis os lugares
Qu'em vão buscavas por estranhos climas,
Eis a ventura! Erão arremedos
Quanto longe d'aqui prazer julgavas.
Foi n'estes montes, n'estas matas virgens
Que modelado foste: a vida houveste
D'estas limpidas aguas, d'estas auras.

Sitios amenos, que me deste vida,
Salve! queridos! bejo a patria terra!
Dos meus primeiros jogos companheiro,
Tu, porquem accender-se d'amizade
O fogo começou, no infantil peito,
Recebe os versos meus despidos d'arte,

Filhos da simples Musa que os inspira,
Do meu Jacuêpe nas agrestes margens.
Das delicias, Gameiro, escuta as vozes.

Aqui jamais ardéo d'amor o archote,
Nem tanta força tem brandindo o arco,
Qu'estes outeiros seus farpões alcancem.
Os ais primeiros qu'estes ares ouvem,
Echo as primeiras queixas que repete
Balbuciando mal, são minhas queixas.
Nunca o Jacuêpe vio nas suas aguas
Misturarem-se lagrimas, e nunca
Nas suas margens suspirar a avena.
Os enganos d'amor eu só lamento.

O implumado cantor d'estas florestas,
Da cithara, e da frauta ouvindo accentos,
Fingir procura, gorgeando o canto.
Do suspiroso bosque, o inquieto sopro
De Favonio, tranquila deixa a folha.
O tronco annoso o ancião do bosque,
Para saudar-me os velhos ramos curva:
Á sombra sua foi que os mal seguros
Primeiros passos ensaei na infancia....
Dizei-me oh! brenhas, arvores frondosas,
Dos meus primeiros gostos que fizestes?

Aqui da curta vida não parecem
Longos os dias, nem se studão modos
De matar tempo, quando o tempo he tuda.
Não constrange as feições fingindo rizo
Aqui, de acordo o coração, e os labios,
Pedir não usão expressões ao engano;
Mudo o artificio, fala a natureza.

Aqui não vem quebrar da guerra os rufos;
A victoria não trás de sangue a sede
Que os laços sociaes desata e piza;
Dos idolos mortaes que a tumba some,
A vil adulação aqui não chega.

Desafogado o espirito medita
De Deos nas obras que admira, e adora.
A razão dos sophismas escarnece:
Nem se ilude a virtude ao pé do crime
Quando dis, seu veneno assucarando:
« Quem mais goza no mundo he mais ditoso,
« Para o gozo alcançar licito he tudo. »
E as leis do Ceo, da terra vilipendiando
Vazio acazo supre ao Autor dos Mundos.

Ai! que restara ao justo, ao desgraçado,
Se a Esperança lhe roubão? E se a prece

Gostoso meio de tratar co' Eterno?
Deixa que sobre o tumulto do amigo
Goste o amigo do pranto; dá que o filho
Espere unir-se ao pae, a esposa ao esposo.

N'esta calada gruta, vem Gameiro,
Beber a pás nas agoas do Jacuîpe;
Respirar liberdade n'estas auras.
Mimo das Musas, generoso Paulo,
Vem, que palacios de Maré se avistão.
Vinde ver como em lidas proveitozas
Serenos passa o tempo, como o homem
Util a si, aos outros prestar pode.

Do mesquinho captivo a sorte iludo,
E de cuidados, de atenções em premio,
Do cativo disfarçando o tedio,
O homem que comprei, ha de querer-me:
D'ele amado heide ser, se ha qual nos nossos,
A gratidão no coração do escravo.
Tenho a afeição do pae, se o filho a fago,
Tenho a do inferno que aligeiro as dores.
A justiça o respeito me grangéa,
E já como em familia vivo entr'eles.

A terra que jamais seus dons recusa
A quem suor lhe dá , promete franca
D'arvore que plantei sapidos fructos.
Como a roza de Zephiro bejada
A cultura , sorrindo , me agradece !
Como o cabrito afoito insulta o prigo
Da ponta do penhasco pendurado !
Como no prado curvetea o potro !
Como farto o rebanho cabriola !...
Sitios amigos , porque imigos fados
De vós por tanto tempo me afastarão ?

Mas la chega o colono venerando !...
Porque de nós fugiste me pergunta ?
Não vos matou saudade ? e a memoria
Não vos era afflictiva companhia ?
Qual estrangeiro sois aos filhos nossos ;
Lá que foste buscar ? e o amigo certo
Com quem na verde idade meditavas
Quaes os caminhos de salvar a patria,
Do ferreo jugo que nos pós a Europa,
Onde esta ? que fazeis ? a patria geme !
Que foste lá buscar ? Terras d'Europa
De vicios cento , de sobejos damnos ,
N'estas agrestes innocentes plagas,
Pelas que nos separão vastas agoas ,

(70)

Já não vos cança que chegar vejamos,
Carregados navios arrojarem?

Que mais nos querem, d'essa Europa as gentes?...

Não mais o velho! basta, não me mates.

Paris, 1807.

EPIGRAMA.

CONTAVA certa batalha
Bravo alumno de Mavorte,
Em ár ufano dizia,
Demos á cem mil a morte.

Pergunta, e vós quantos ereis,
Certo medico que o ouvia?
Oitenta mil. Quanto tempo
Durou a batalha? Um dia.

Torna o Doutor, e isso tendes
Por coiza de grande espanto?
Eu sósinho, em menos tempo,
Com um recipe, faço tanto.

A M. DELILLE,

Celebre Poeta francés. Em Paris, 1817.

IMPROVISO.

O meu querido Camoens
A França ó Ceos! o que fés?
Deixa-lhe algumas belezas,
Falso traductor francez.

Vingar-te só pode o vate
A quem Milton deve tanto,
Mas, ó destinos! Delille
Te deixa, Camões, n'um canto.

IMITATION

DES VERS DE M. DE B.....

par lesquels il engage M. Delille à traduire la *Luisiade*
par M. Le Mazurier, secrétaire de la Société Académique
des Sciences, etc.

ILLUSTRE Camoëns que j'aimai dès l'enfance,
Honneur de ta patrie et du nom portugais,
Qu'as-tu fait au ciel, à la France ?

De ses beautés au moins respecte quelques traits,
Toi, qui crus lui donner une double existence,
Perfide traducteur français ?

Des efforts malheureux d'une telle imprudence
Toi seul peux le venger, qui de l'Homère anglais
Tracas l'exacte ressemblance :

Delille, je t'appelle à de nouveaux succès ;
Mais, ô destin fatal ! tu gardes le silence,
Et laisses Camoëns en paix !

ÉPIGRAMA.

CERTO alchimista famoso ,
Tendo annos , e bens gastado ,
Já tinha para a Grande-Obra
Os simples acertado.

O mór trabalho está feito
Nas proporções só duvida ,
Para acha-las um amigo ,
Guapo algebrista , convida.

Ei-lo em larga e negra pedra
Longo tempo esgaratuja ,
E já limpa quatro vezes ,
E outras quatro vezes çuja.

Grão poder d'algebra ! exclama ,
Ó miraculozo giz !
Amigo dei no segredo ,
Junte ipsilon dois mais xis.

(75)

AO TABACO.

Paris, 1808.

QUINTILHAS.

Nulla salutifero se comparet herba tabaco;
Viribus hac omnes exsuperat reliquas.

J. P. GERMARSHEMIUS.

ODORIFERO Tabaco
Minha homenagem recebe;
Cante os louvores de Baco,
Cante amor, quem não concebe
Como alivias o caco.

Se em vés de manhas damnozas
Quaes o amor, o jogo, o vinho,
As vossas ventas ranhosas
Enchesses (gado daninho)
De pitadas saborozas.

De tal uso assoberbados
Os dedos desprezarião
Garrafas tocar e dados,
E inda menos tocarião
Em objectos vedados.

Quando appetite culpado
Tentasse vos assaltar,
Com a pitada ocupado,
Ousala-hias largar,
Ó tabaquista arreigado?

Nariguda confraria
Seria gente tabaqueira,
Da caixa, sem ironia,
Confessai, de quanta asneira
Vos livrou a companhia?

Naturalista profundo,
Pesquizando a Natureza,
Altos segredos do mundo,
Quando vistes com clareza,
Vistes a caixa no fundo.

Quantas pitadas não sorves
Mathematico encansavel,
Quando abaixo, e a cima volves
Teimoso inconmensuravel,
Que sem caixa, não resolves.

Quando remexendo a bola
Busca fugitiva rima
O poeta que se esfola,
Se uma pitada sublima,
Tras-lhe o termo, e o consola.

Não he digno de viver
Quem o Tabaco despreza,
Moliere ousou dizer,
E do contrario a defeza
Quem ha que possa emprender ?

Foi o maior tabaquento
Da Prussia o maior monarca,
Em armas, letras portento,
Par dar de tabaco um arca
Cada anno ao nariz, e ao vento.

Doutra guiza preparado
Tambem o tabaco exalta,
Quando miudo picado,
Pela gente baixa, ou alta,
He no cachimbo fumado.

Não vai afrontar os mares
O marujo sem sigarro,
E fumando os militares
Seguem da victoria o carro,
Có o fumo toldando os ares.

Quando lá de Portugal
A França Nicot o trouce
Admiração cauzou tal,
Que Medicis dignou-se
Dar-lhe o seu nome real.

De Jean Nicot vem-lhe o nome
Tambem de Nicociana;
Eo de Santa-Crús obteve
De Curia sacra Roma,
Que ao Tejo igualmente o deve.

Porque tem ele o pomposo
Grande nome de Herva Santa?
Porque em virtudes famoso,
Tem força medical tanta,
Que passa a miraculoso.

De cardeal legatario
Mão sagrada, cultivado,
Que planta do campo, e herbario
Que vegetal tão honrado,
Foi já n'esse reino vario?

Com metade da honraria
Qu'essa planta merecéo,
Outra qualquér quereria
Ir a nobre, de plebéo,
A patria desprezaria.

Mas ele o nome concerva
Do Caro Silvestre ninho,
Só fazer bem se reserva
Qual arbusto campesinho
Vive, ou qual ignota herva.

Sem ti planta precioza
De que servira o nariz?
Desta vida trabalhosa,
Para consolo te quiz
Dar-nos , mão de nós piedosa.

Quando a pituitaria unido
Vai-se o teu cheiro espalhando,
Como sabes do sentido
Ir as magoas afastando,
Dar o socego perdido !

E como , quando o prazer
Do coração nos trاسبorda,
Sabes das ventas correr,
Tocar da dilicia a corda,
E o gozo melhor fazer !

Deixar a caixa querida,
Da morte he bem máo sinal,
Porem apenas avida
Volta , e nos livra do mal,
A caixa he logo pedida.

Minha fiel companheira
Jamais te abandonarei,
E na ora derradeira,
Juro que te guardarei
Junto á minha cabeceira.

E se inda tabaquear
Podemos alem da morte,
Se essa ventura ha sem pár,
Praza aos ceos que eu tenha a sorte
De minha caixa levar.

A CUPIDO.

QUINTILHAS.

1811.

ORA já basta de dór
Rei dos enganos, Cupido,
Cumpre aos males um fim pór,
Meu coração perseguido
Tens assás, travesso Amor.

Deixa quem desenganado
Somente procura a paz,
Malhar em homem deitado,
Bem vés que desaire traz,
A teu exercito a lado.

Tu sabes que resistencia
Jamais pús a teu preceito;
Provas de terna demencia,
Tens bastante a meu respeito,
Imploro tua clemencia.

Poupa-me novos pezares,
Essa imagem lizongeira
Amor, des faze-a nos ares;
Não vamos por brincadeira,
De novo afrontar os mares.

Acoiza he mais que brinquedo,
Já sinto o peito abalado,
Deixemos-nos pois d'enredo:
Gato uma vés escaldado,
The d'agoas frias ha medo.

Surrizo brando e fagueiro,
Um ár que nota inocencia,
Ceos! esse olhar feiticeiro,
São da pás, são da existencia,
O inimigo primeiro.

Deixa-me cá nõ meu canto,
Não me andes com fosquinhas;
Conheço mui bem o quanto,
Essas mimosas coizinhas,
Trocão os rizados em pranto.

Quem nos teus laços cahio
Uma vés , e felismente
Um dia d'eles sahio ,
Baila , pula de contente ,
Só se he louco recahio.

Perdóa minha lhaneza
Falo sem rebuço algum ,
Sei bem que nossa fraqueza
Vem do máo senso comun
Inato có a natureza.

Sei que tiras o partido
Que de nós podes tirar ,
E sei um peito ferido
Quando queres conservar ,
Quanto es meigo , e comedido.

As tuas setas êrvadas
Veneno suave tem ,
Pouco a pouco gangrenadas
As chagas aponto vem ,
De mais não serem curadas.

Não he de mui longa dura,
A molestia forte e aguda,
Sára se acertão com a cura.
Se para melhor não muda,
Leva o infermo a sepultura.

Devoradora paixão
Pois ja que pude vencer,
Dá que livre o coração
Possa d'amores viver,
Que livre guarde a razão.

Suplico redonda baixa,
Longo tempo te hei servido,
E se o teu querer não acha,
Ter eu tanto merecido,
Caça-me a toque de Caixa.

Ou poem-me no hospital
Com os invalidos teus,
Co' essa minha igual,
Como ela pensa nos seus,
Qu'eu vá cuidar do meu mal.

(86)

Lá no retiro precizo,
Longe d'olhos matadores,
Ganhado o perdido sizo,
Cantarei os teus louvores,
O pranto mudando em rizo.

Er
Do
Po
Pe
Po
D
E
V

C
E
C
L

OITAVAS.

Paris, 1809.

Em rua em que sangueira noite e dia
Dos açougues correndo, rubra torna,
Porca em extremo, e d'aura doentia
Pelo podre measma qu'atranstorna:
Porem que d'aluguel menor quantia,
Da caza ao senhorio a bolsa entorna:
Em Paris, certo tempo sem seutil,
Vivia certo moço do Brasil.

Cazaca parda, e penso que virada,
Era na quente quadra o que vestia,
Capote, e curta p'laina negregada,
Era todo o seu trem na quadra fria.
Jamais a exactidão foi perturbada;
Era tal, qu'em saindo sempre ouvia,
Este Moiro, dizerem os vizinhos,
Muda de penas quando os passarinhos.

Mal da escaça mezada havia a soma,
(Que deveo por um tempo a certo amigo)
Empregava em Batatas, com que doma,
Do gastrico licór o dente imigo.
Mas quis seu fado mesmo que não coma,
E crendo não o ter bem perseguido,
Deu-lhe correspondente que a pensão
Lhe nega, era o consul em Ruão.

Porque deixou da patria o caro ninho,
No seu Brazil não tinha que comer?
Porque a terras estranhas vem sozinho,
Acezo em gloria van, de váo saber?
Avida val expór em fragil pinho
Para o luxo das artes aprender?
Ora agora meu rico paciencia,
Sustente-se dos ramos da sciencia.

De luzes sua patria carecia,
Ir procura-las seu dever lhe ordena,
E julgando que a patria assim servia,
Pouco lhes parecerão riscos, penna;
No serviço da patria só resfria
Covarde coração alma pequena,
Qu'ao cidadão honrado nada a terra,
Quando trabalha pela patria terra.

As privações não erãõ que o ralavãõ ,
Mas dos seus ver-se em climas tão remotos,
As lagrimas que as faces lhe banhavãõ ,
Erãõ por não poder cumprir seus votos ,
Ver que os trabalhos seus se malogravãõ ,
Ver seus rectos dezejõs sempre tortos.
Quem julgára, exclamava, qu'esta alhada,
Traria a Europa toda atrapalhada?

Quem julgara qu'um homem de capote ,
Por toda a Europa fosse bloqueado,
Sem um só trilho achar por onde trote ,
E ao berço chegue seu , tão dezejado?
Em colera dizia , de tal sorte
Ninguem foi por bamburrio assim jogado ;
Mas he de crer que um dia pare a nora ,
E cante um dia , quem mil outros chora.

GLOZA.

Paris , 1809.

QU'EU fosse em fim desgraçado
Escreveo do Fado a mão ,
Lei do Fado não se muda ,
Triste do meu coração.

Deixar a patria querida ,
Ao mar seus dias expór ,
Ver em sustos , ver em dór ,
Ir fugindo a curta vida :
Sempre andar em dura lida ,
Ó Ceo ! porque me foi dado ?
A quem nascéo malfadado
Desgostos comuns bastavão ,
Pois tuas leis ordenavão
Qu'eu fosse em fim desgraçado.

Sofro quanto a adversidade
Enserra de mais cruel ;

Sorvo de continuo o fel
De dolorosa saudade.
Se da fagueira amizade
Procuro a consolação,
Não a encontro, busco em vão;
Abandonado em desterro....
Ai! que tal ordem de ferro,
Escreveo do Fado a mão.

Tenho crimes cometido
Ó divina Providencia!
Para que tal existencia
Haja de ti merecido?
Tens a the d'alma expellido .
Esperança que me iluda.
Poder não ha que me acuda.
• Infeliz das mãos da sorte
Heide passar as da Morte ,
Lei do Fado não se muda.

Cara patria meus cuidados
Forão sempre, e só por ti,
E vés o que mereci
De pois d'annos tão cansados!
Meu pai, meus irmãos amados,

(92)

Meus amigos onde estão ?
A terna satisfação
De ve-los não hei-de ter ?
Que doloroso viver !
Triste do meu coração.

À MORTE DA S^{ra} D. HENRIQUETA JULIA
DE MENEZES,

DUQUEZA D'ALAFOENS.

EPICEDIO

oferecido ao Snr. Marquês de Marialva seu
Irmão. Paris, 1810.

Quelle obscure indigence échappe à ses bienfaits ?
Dieu seul n'ignore pas les heureux qu'elle a faits.

DELILLE.

Tu que as spheras pelo espaço moves,
Do Mundo, Eterno Artifice; os humanos
Só para a dór formaste?

Do bem mais do que assomos não veremos?
Compoem a essencia nossa o mal, e em sorte
O pranto só nos coube?

Ó paz onde habitaes?... Prazer escaço
Se ao homem aparece, trás comsigo
O ante-gosto da dór.

Entre os homensilhado triste geme
O virtuoso, em quanto o mão se engolfa
Nos dotes da fortuna.

Mil mortes cada dia a Parca entorna
Na taça da existencia, e a justo a entrega
Que trago á trago a exgota.

Alma dos Mundos, para o crime espalhas,
Os bens na terra? Não. Deos justiceiro
Compensa, pune um dia.

O que deixa ao infeliz teu nada eterno
Sophista? De arremedos goza, em quanto,
Não te somes no olvido.

São qual fumo, da terra as vans chimeras,
Se a morte assoma cahem, e co' a morte
O justo a palma empunha.

Mas orfans deixa da miseria as victimas,
Porque o ceo qual cioso o mostra ao mundo,
E subito o reclama.

Qual candida Acucena embalsamando
O ár visinho, logo murcha pende
E nos deixa Saudade,

Ou Iris bonança que fugace
Deshota; vai da luz o espirito justo
Unir-se a eterna fonte.

Imagens de bondade, para exemplo
E consolo dos bons, e dar de rosto
Aos máos: do céo baixastes.

Henriqueta! dos Lusos, das sciencias,
Dos sabios o honrador, teu digno esposo
Com tigo o pobre chora.

O nome illustre pede accções illustres,
Pezo he qu'ao fraco esmaga, Herculeos hombros
Só, podem sustentalo.

Digno hes de Paes heroes, quando as virtudes
Eos que lhes derão fama; nobres feitos,
Quaes n'elles, em ti luzem.

Grandes da terra se em vós pode o exemplo,
Da grandeza, Henriqueta, o molde offrece,
Imitai-a, ou correivos.

Em preço tem os titulos, riquezas
Só porque meios são de pór emenda
A os erros da fortuna.

Se no grande a virtude he mais formosa
O vicio mais se aféa ; o mundo inteiro
Suas accções contempla.

Mais que o vulgo á nação deveis : os vossos
Alterão seus costumes : Henriqueta,
Males poupar ensine.

Mostre qu'em bem fazer, o bem se encontra ;
Assim o coração nos dis, no premio
No gosto que tiramos.

O crime se combata, e o criminoso
Co' facho da razão se podeis tanto
Dessipai-lhes as trevas.

Sirvá o concelho senão basta o exemplo....
Mas perto vejo a Morte ! e d'olhos humidos .
Palido véo desdobra !

Ai ! de seu rosto lindo as rosas murchão !
Nos labios róxos o surriço esfria,
Os membros já fraqueão.

Queridas filhas , dis , não vos deslumbrem
Nunca da terra os bens , cresção com vosco
As candidas virtudes.

Ó tu que meu suspiro derradeiro!...
Caro Irmão onde estás?... E olhos baços
Manda a os ceos resignada.

Vai do celeste corpo a alma celeste
Os vinculos rompendo brandamente,
Quaes os raios de Phebo,

Pouco a pouco o orisonte desdoirando,
A abobada azulada á Lua cede,
Em tarde amena, e clara.

Morte! da ferrea mão o golpe cahe.
Sobe o espirito ao Ceo, no Ceo repousa
Sua primeira patria.

Sentidos ais quebrai sobre o meu peito!
Dis o infelis, morreo quem da desgraça
Meiga os ais abafava.

Da viuvés as lagrimas quem hade
Com lagrimas parar, e ao orfão sinho
De Maen suprir caricias?

Vós que doença, e annos insultando
Tolhido os membros tem, quebrado as forças
Restos de huma forma.

Quem vos sumia o pezo da existencia
Não mais.... Religião quem teus altares
Fatigará devota?

Veste luctuoso dó magoada Lisia,
Desata o pranto; e tu Echo saudosa,
Do infeliz os queixumes.

Desdobra pelos concavos rochedos;
Henriqueta! Henriqueta! o ár suspire,
Gema a onda Henriqueta!

Lamenta ó lyra! lugubres endeixas,
Más não.... Celestes hymnos entoemos
A virtude não morre.

A UN AMIGO.

Paris, 1810. — Em dia de S. Jozé, Santo do seu nome,

SENHOR, quis de São Jozé
Cantar o anniversario,
Mas tem-me secado a Musa
Um maldito dictionario (1).

Tentei os vossos favores
Em lindos versos contar,
Porem vi qu'era impossivel
Que fora um nunca findar.

Louvar quis vossas virtudes,
Mas termos não encontrei,
O meu dictionario inteiro,
Debalde li, folhee.

(1) Fazia então o autor o dictionario frances e portugues.

Qual o mundo trago abola
A trouxe , e mouxe embrulhada ,
E quem anda em seu juizo
Com tamanha trapalhada ?

Passar de lavra d'assucar
A o fabrico de palavras ,
Paciencia , a diferenca
Consiste em fabrica , ou lavra .

Mas aquele qu'une á herdada ,
Á merecida grandeza ,
Que na caixa apenas goze ⁽¹⁾
De desafogo , e largueza!...

Fora ! e fora vós tristezas ,
Cada qual val o que he ;
Va de cangalhas o mundo ,
São Jozé , he São Jozé .

Ele qu'andou desterrado ,
Bem sabe quanto isso he duro ;
Ele que a distancia encurte
A venturozo futuro .

(1) Uzava de grande caixa de tabaco.

(101)

Que junto aos filhos queridos ,
Nos braços da espoza amada ,
Dé que desfruteis um dia ,
Doce vida socegada.

Então de Ceres no officio ,
Officio que vosso he ,
Direis , eles , e eu com vosco
Viva! viva São Jozé!

SONETO. (1)

No mar indo de França para os Estados-Unidos d'America.
1811.

Mirabilia sunt opera tua, Domine; vir
stultus non cognoscit ea, insipiens non
animadvertit ea.

QUE horror! que pasmo! e scena portentosa!
A vastidão do mar toda abrazada,
Chameja o ár a onda rebentada
Em fachos mil de flama sulfuroza?

Já mais escura, já mais luminosa,
Finge na luz dos astros prateada,
Que a abobada celeste despregada,
Cobre d'estrelas a planice oncosa.

Que estupenda, que eterna variedade!
Admira, terroriza, aprás, namora....
Das obras tuas, Deos, que imensidade!

N'elas o justo exulta, o injusto córa,
D'elas não sente o ignaro a magestade,
Mas o sabio adverte, admira, e adora.

(1) Ao que os Nauticos chamao Ardentia.

DESCRIPÇÃO DE UMA TEMPESTADE

NO MAR, E MESMA VIAGEM.

QUAL na campina os olhos alongando,
A pós montes, montanhas sobranceiras
Surgir cuidamos, terminando o espaço,
Ergue das ondas enrolada nuvem;
Hidiondos monstros finge, e desdobrada,
D'abobada celeste o vacuo obumbra.

Com rosto merencorio repelindo
Os abraços de Thetis, baixa Phebo,
E a torva claridade ameaçando,
Medonha noite, com seus raios morre.
Caliginoso véo circunda os astros;
D'envergonhadas as estrelas fogem.

Aquilo atraído assopra escaço,
Fluctuando as nuvens, já rotas bravejão;
Largas as vagas ponderosas rolão,
Surdo ja muge o mar, o trovão ronca,

E sobre o negro azul do mobil campo,
De arrebrandas ondas ferve a espuma.
O relampago a vista, fere, e ofusca.
E das trevas o luto mais negreja.

Sibila, Zune pela enxarcia o vento,
Boiantes serras, serras atropelão,
Os ares ardem, os trovões rimbombão.
No rude embate das pejudas nuvens
Dos rotos bojos os coriscos saltão.
A chuva em catadupas se despenha,
Embravecido o vento, e o mar rebramão.

Do Piloto abozina em brados rouca,
Ferra gritando, ferra lhe respondem;
E qual volatil bando que repouza
Nas tenras hastes que menéa Eolo,
Balança a antena os nautas pendurados.
E em quanto á verga o pano vão cingindo,
D'ambos os bordos rotas as escotas,
Voando açoita o ár farpada vela.

Da Morte o aspecto a todos deixa staticos
Da Morte o aspecto augmenta o amor á vida.
Com vós forçada o animo relevão

Dos habatidos socios ao trabalho.

Da encapelada vaga o rude encontro

A quilha acoita, estoirão as enxarcias.

Qual dos ventos batido annoso Roble,

o cima da montanha derribado,

Volta a raiz aos ceos, o masto tomba.

Do pezado marulho a massa enorme

Rola, e quebrando no convés baquéa.

Outro que o segue no costado bate,

A quilha treme, salta, e os ares sulca.

Este ao machado avança, aquelle á bomba,

Todos aos ceos a vós, e as mãos levantão.

Aos ceos seguro, e ultimo refugio.

Amigo do infelis o ceo não falta,

A esperança o sustenta. Pouco a pouco

Das trevas levantando o feio manto,

Da bonança desponta a leda face.

Já não bramão as ondas, já se aplanão

Longe roda o trovão, fuzila a espaços,

D'Aquilo fatigado o sopro quebra :

Desprendidas d'antena as velas decem,

De amiga viração pandas s'infunão.

Da morte o susto o animo livrando,

Ao rosto leva a cór, tranquilo o sangue

(106)

A boca, aos olhos a alegria torna,
Ja solto o coração dos nós do medo.
Contentes estregando os lassos membros
No sono, da fadiga refuscilão.

A UM ACAZO, EM NEW-YORK 1811.

MADRIGAL IMPROVISADO.

DE um nome a copia, o acazo
Fés, que um dia a gratidão,
Pela Irman d'Amor guiada,
Gravasse em meu coração.

Elmira, nome querido,
Posso un momento esquecer?
Se á vista o que o peito encerra
Sabe o acazo ofr'ecer?

A UM SONHO.

New - York , 1811.

MADRIGAL.

ENDEOSADO nos teus labios
Nectar divino bebi,
Aos ceos d'amor em teus braços
Entre delicias subi.

Do niveo ninho das Graças
Iludio mão atrevida,
Do véo a avareza, aos olhos
Tirana, ao Pejo querida.

E vivo!... Lilia perdóá
Foi sonhando que o ousei;
Se alma pode gozar tanto
Dormindo, porque acordei?

A DUAS SENHORAS RUSSIANAS.

Philadelphia, 1811.

ACROSTICO.

Es de graças reunidas
Um modelo, es um primor,
Goza amente ao ver teu rosto,
E vem logo ao peito amor.
Não se ousa pensar no gosto,
Inveja-se o esposo, e espira
Amor, qu'a virtude admira.

OUTRO.

Se gera o teu clima frio
Olhos lindos como os teus,
Protesto que o sol do estio,
He filho dos gelos seus,
Inda mais digo, e aporfio,
Assim, ha gelo nos ceos.

Indo o autor para o Brasil no Brigue Galeno.

EPIGRAMA.

Em tão miserando estado
Pos-me da Europa o terreno,
Que para tornar á patria
Foi-me preciso um Galeno.

OUTRO, IMPROVISADO.

Belsebu quis dar cós homens
Todos de chofre no abismo,
Có a Irman Echidna incestua,
Sahe do Crime o Despotismo.

ESTANDO O AUTOR PREZO NA CADEIA DA
BAHIA. 1811.

On peut dans les prisons entraîner l'innocence ;
Mais l'homme généreux , armé de sa constance ,
Sous le poids de ses fers n'est jamais abattu ;
S'ils pèsent sur le crime , ils parent la vertu.

RAYNOUARD, *trag. des Templiers.*

IMPROVISO.

DEIXEI o Pai, Irmãos , deixei Amigos,
As arvores , os sitios que indeleveis
Traços no coração gravão na infancia.
Ó cara patria! para dar-te em mimo
Luzes fui mendigar. Afrontei vagas ,
Outros climas sofri, e alheias manhas.
Da Luza Athenas co' as lições não vastas,
Minerva me apontou a patria illustre .
Do imortal Lavoisier, sabio Oliviére ;
Lá respirei o ár que respirarão ,
Ouyi de seus alumnos seus preceitos.

Do Batavo incançavel os milagres
 Vi; e lavrada a Belgica por Ceres.
 Do pousado Alemão parei nos campos.
 Os povos visitei que a França habitão,
 Desde o fofo Gascon, ao Breton rude,
 Uns mais qu'outros brincões, crianças, bravos

Tendo pr'igos, e mares vaguedo,
 De Washington, de Franklin visto as plagas
 Gratas á Liberdade, a porto as minhas.
 A seu paiz, seu rei, ó quanto he belo
 Lustros quatro ofr'ecer d'estudo, e penas?
 E crível pode ser!... ó Rei! ó Patria!
 Os ferros oiço qu'anunciação crime ⁽¹⁾.
 Que um Paulo, que um Gameiro honra dos homens
 De longe me pranteem do que vale?
 Da tirania os ferros nos separão.
 Ó generozo Paulo, a nossa patria,
 Que! dos desvelos meus a terra he esta?...

Dizei dos crimes tenebrosa estancia,
 De quanto vilipendio o patriotismo
 N'estes lugares insultado vistes.

(1) Visitavão as grades.

Dizei.... mas o que admiro ? por ventura
Os homens não conheço ? o que queria ?
Caricias, premios ? insentato, os premios....

Arrastar podem a innocencia aos carceres,
Mas de constancia armado o varão justo,
Co' pezo de seus ferros não se curva,
Se ao crime o primem, a virtude adornão.

Estando o Autor na Bahia prezo a bordo do
brigue Tamerlão, e a partir para o Rio de
Janeiro. 1811.

Quittons donc pour jamais une terre importune,
Où l'honneur a toujours guerre avec la fortune;
Où le seul art en vogue est l'art de bien voler;
Où tout me choque enfin, où... je n'ose parler.

BOILEAU, Sat. I.

AOS AMIGOS.

QUAL entre açores vive exposta a pomba,
Em risco o homem bom vive entre os homens.
São máos os homens, máos os seus costumes.
Porque a misantropia reprehendemos?
Ela ser deve do prudente a guia.

Lá nos estranhos climas os trabalhos
Sofria, por mentiras de esperanças
De mimos (que tal vés me deva a patria),
Doces mimos d'amor, não da fortuna.
Do vencedor da Europa a fronto a sanha,
Iludo os Argos seus, desdenho ofertas,

Entrego a vida a congelados mares....
 Nenhum caminho para a patria he longo,
 A quem a patria adora nada a terra.
 Honra, constancia, e vós ó patriotismo!
 Sois vans chimeras?... quanto m'enganastes!

A familia dispersa, os bens perdidos,
 Perdida a cara Maen! resta-me a patria
 Essa de meus disvelos digno objecto,
 Ao ve-la dice, sem fitar a ingrata.
 Ferros lança nos braços que lhe estendo,
 Seu regaço he prizão, seu mimo insultos!...
 Mas foi a patria? não, que a patria geme....
 Quando o felis refluxo d'essas ondas,
 Que á nossas praias arrojão crimes....
 Quando?... Fugi meu pai, Gameiro, Paulo,
 Pois libertar a patria não podemos,
 Qu'aumenos longe d'ela nossos olhos
 Não firão quadros, que dão mate ao brio.
 Pois que em nós d'amizade os bens sentimos,
 Gozemos esses bens : eia fujaamos ;
 Não venha da verdade amão terrivel
 Qual o outro, este véo despedaçar-nos.
 Se tal partido não julgaes acerto,
 Se fugir duvidaes, irá com migo
 Um desengano mais : Adeos, amigos.

CANTIGAS IMPROVISADAS.

No mar, indo preso da Bahia para o Rio de Janeiro.

INGRATA patria,
Cruel querida,
Quero deixar-te
Deixo-te a vida.

Ficão parentes,
Fica o amigo,
Só a saudade
Trago com migo.

Em terras d'outrem
So frendo danos,
Forão meus dias
Magoados annos.

Tinha a Esperança
Por companhia,
Tudo era pouco,
Por ti sofria.

Hoje sem ela,
Que mais me resta?
Vida assim triste,
De nada presta.

A paz buscava
Nos patrios lares,
Achei por mimos,
Ferros, pezares.

Ingrata patria
Sempre querida,
Quero deixar-te
Deixo-te a vida.

A UMA SNR^a. NO DIA DE SEUS ANNO
1812.

TEME a Dama que he só bela
A veloz roda dos annos,
Por ver n'ela da Beleza
Os irreparaveis dannos.

Importa pouco á discreta
Que do tempo a roda mude,
Pois quanto perde em beleza,
Tanto compensa em virtude.

Por ti alterou, Marilia,
Essa lei a Natureza,
Nos annos ganhas virtude,
E hes sempre a mesma em beleza.

A UMA MENINA.

No dia em que fazia 15 annos. 1812.

FUGIO de ti hoje a infancia,
E rebenta a flor da idade,
Co' a infancia fugir não deixes
A meiga simplicidade.

Seus modos dão mais realce
Aos dotes da gentileza,
Não ha belo verdadeiro
Quando falta a natureza.

De tua Maen carinhosa
O conselho, o exemplo aceita,
Que te protesto, Climene,
Que sempre serás perfeita.

ACROSTICO.

1812.

Mais linda que a flor mimosa
A penas sahe do botão,
Rosto angelico, d'amor
Inda mais que a Maen formosa,
Vh! quem he meu coração?

OUTRO.

1812.

Membrando Sapho em poezia
Um não sei que tem demais
Inda, que na fantazia
Sentimentos gera quaes,
Amor melhor não faria.

O CONTRASTE.

CANÇONETA. 1812.

QUANDO do pejo
Brilha o rubor,
Nas faces tuas,
Adeja Amor.

Se as faces d'outra
Mudão de cór,
O pejo he outro,
Não vejo Amor.

Quando teus olhos
Quebra o langor,
São todos graças,
Hes toda Amor.

Os olhos d'outra
Faça o que for,
São, sim, uns olhos,
Mas sem Amor.

He tua boca
Mimosa flor ,
Vedão toca-la ,
Graças , e Amor.

Nos labios d'outra
Posso os meus pór ,
Sem que no peito
Palpite Amor.

Se dás um gosto ,
Ou se uma dor ,
Em um , em outra ,
Conheço Amor.

Dados por outra
O gosto , ou dor ,
He dor , ou gosto ,
Mas não d'Amor.

Amor com tigo
He doce ardor ,
Nos braços d'outra ,
He gelo Amor.

(123)

Quem de Marilia
Teve um favor,
D'outra o não queira
Que insulta Amor.

AO SALGUEIRO CHORÃO.

CANÇONETA.

1812.

TRISTE Salgueiro,
Rama inclinada,
Folhagem palida,
Sombra magoada,

Aceita o nome,
De minha amada.

Qual no meu peito
Amor gravou,
Tal no teu tronco
Grava-lo eu vou.

Une a teu pranto
Os ais qu'eu dou.

Aves sinistras
Fujão d'aqui,

Só Philomela
Repouse em ti.

Meu mal ouvindo,
Gema de si.

Na sombra tua
Só ache abrigo,
Peito sensível
D'amor amigo.

Aos inconstantes
Não dés jazigo.

De meus prazeres
Te fis siente,
Hoje das dores
Sé confidente.

Só a ti digo,
O qu'alma sente.

D'Echo indiscreta
Guarda um segredo,
Qu'eu a ti mesmo
Confio a medo.

Arvore amiga,
Eia, segredo.

Tive ventura
Mas foi de um dia ,
O peito amigo
Bem mo dizia ,

Mas o que queres !
Eu não o cria .

Manda hoje a ingrata
Sofrer , calar ,
Nem por seu nome
Posso chamar .

The dis que he crime ,
Um ai soltar .

Ah ! se soubesses
Que gostos dá ?
Salgueiro amigo ,
Iguaes não ha .

Vai-te lembrança
Não voltes cá .

Puras dilicias
De puro amor ,

Trocou-me a falsa
Em pranto e dór.

Dór, pois vens d'ela,
Vem onde eu for.

Se em pago aumenos
D'afflicções taes,
Um ai me desse
Queria eu mais?

Um ai? que digo?
Ri de meus ais.

Seja inconstante
Nunca o serei,
Nem por modelo
A escolherei.

Morrer por ela
He quanto eu sei.

Se a linda ingrata
Aqui vier,
Se de meus males
Saber quizer;
Faze-a ó Salgueiro!
Seu nome lér.

(128)

Dize-lhe quanto
Viste penar,
Dize-lhe como
Se sabe amar,

A amor dar culto,
Ea honra o dar.

A VINGANÇA.

CANÇONETA IMPROVISADA.

1812.

*Nos verdes troncos
Que vão crescendo,
Teu lindo nome
Vou escrevendô.*

Ahi verás
Meu coração,
Vivos sinaes
D'uma paixão.

Em cada letra
Imprimo um bejo,
E mais viçoso
O tronco vejo.

Vem bela ingrata
Prodigios ver,
D'Amor, se podes,
Nega o poder.

As avesinhas
Vem adejar,
Do nome em torno
Ternas cantar.

Aqui teus olhos,
Teu meigo riso,
Dera delicias,
Do paraizo.

Da lyra as voses
Teu nome entóá,
Echo teu nome.
Longe resóá.

Mas ah! que vale
Por ti, chamar,
Lilia, se gostas,
De ver penar?

Teu peito um dia
Possa em ternura,
Vencer teu rosto,
Em formosura.

(131)

Cobrir d'extremos
Tua esquivaça,
Fora desta alma
Toda a vingança.

AOS ANNOS DE UMA SENHORA.

1812.

DEZEJAR-TE longos annos
Ó Lilia! he mal te querer,
Viva quem morrendo acaba,
Más tu ganhas em morrer.

Quantos mais annos viveres,
Tanto mais tens que penar,
Pois aos teus iguaes, aos Anjos,
Mais tarde te irás juntar.

Eu que te conheço e admiro,
Devo dezejar-te a morte;
Se o não faço, he porque temo,
Não a tua, a minha sorte.

Oh! qu'injustiça te faço!
Na vida vejo os teus damnos,
E só porque n'ela ganho,
Dezejo-te longos annos.

AOS BAHIANOS.

No dia da abertura do seu novo theatro.

. . . , Des passions la sensible peinture,
Est, pour aller au cœur, la route la plus sûre

BOILEAU, *Art poët.*

Alterão-se as nações cahindo as eras.
Esta dos vicios solapada expira,
Est'outra o crime de seu pezo esmaga.
D'Asia ao mando curvou outr'ora o mundo,
Mas hoje apenas no lo conta a Historia.
Quem hoje habita o Egito, quem Athenas?
Das cinzas de Carthago surge Roma,
Roma dos reis terror, do mundo espanto,
Patria de Fabios, de Catão, de Bruto,
Ao jugo aventureiro a Cervis dobra.

Anime o patriotismo o rei prudente,
Da Victoria o não cegue fugás brilho:
Segue o fausto a Victoria, ao fausto a queda.
Dos insultos dos paes os filhos gemem,

E a Historia leva aos seculos vindouros,
Ensovalhado nome ea pár os crimes.

Despotico volcão na Europa estoira,
No ár esvoaçando , guerra brama,
Sacudindo a Discordia o acezo facho ;
E aos roucos sons no ár braveja guerra !
Do bronze aos roncós , ao tinir das armas ,
Foragidas d'Europa as Artes querem
De Ptolomeu poupar cazo funesto.
Mata a sciencia o halito despotico....
Porem de balde o vandalismo tenta
Fazer retrogradar do espr'ito o curso,
Co' a Imprensa Coster segurou-lhe o passo.
Mimosas Filhas do celeste Pindo,
Céo mais ameno que o de Grecia , ou Roma ,
Carinhoso Brasil vos oferece.
Qual a flór em terreno mais benigno ,
Mais vicosa surri ao dia abrindo.
Taes em seu seio brotareis mais lindas.

Hum do vosso Diniz dictoso Neto,
O caminho vos mostra , eia segui-o,
Do Genio os voos despregai afoitas.

Ja de Neptuno a sanha , é a furia insultão
Altivas quilhas tremolando as quinas.

Não dos raios da guerra a dextra armada,
O Principe demanda alheios climas.
O que as esferas rege, e os reis domina
Um Novo-Imperio levantar lhe ordena.
Quer que nos corações as bazes firme,
Que ao lado la pacifica oliveira,
Estreitadas em doce, eterno abraço,
Embelezem o trono artes, sciencias.

Do Amazonas ao Prata a Natureza
A nobre pompa sua patentéa,
Todas as regiões aqui se enleão,
Esta do globo magestosa plaga,
Unio cabral, do rei á magestade.
Dosque do mar os terminos quebrarão,
Os Netos são que as portas lhe defendem;
O mesmo brio, e sangue, hoje os anima,
E ao aceno do rei vereis ó povos!
Novos Gamas surgir, surgirem Castros.

Foste a primeira que no Mundo-Novo
Viste, ó Bahia d'um monarca o rosto.
Se te deixou, com ele vai saudade.
E d'esse que cuidar de teus direitos,
Mandou, na escolha seu amor conhece.

.....
Ao son de sua vós hoje o Bahianos!
Dos costumes a escola as portas abre.
Castigue os vicios aterrando, ou rindo.
Gostem as Maens de Merope os extremos,
E de Medéa ao aspeito os olhos voltem.
Ao ver Atréo de horror o Irmão se irrice,
Do amigo as faces Pilades alegre.
Amor chore d'Ignés o cazo triste.
Manchando o filho em sangue parrecida,
Mafoma cubra d'asco o fanatismo,
Do ciume o furor Fayel corrija.

Que o rizo mofador opprima, e corra
A hipocresia, a sordida avareza,
De baixos corações rasteiros vicios.
O gesto, as vozes a poezia adornem.
Que d'armonia os sons o ouvido encantem.
Que magico pincel a vista iluda.

Em ár bisonho, e acanhados modos,
No máo pejo, a decencia não consiste;
Quadra rosto sombrio ao criminoso,
O refalsado gesto a hipocrisia,
Desenvoltura he marca de licencia,
He grave, he lhana da decencia a face.

Nunca do honesto se transcenda a meta ;
Nunca permita maculada scena,
Que ofendido decoro afronte o pejo.
A punição do crime o criminoso,
E da virtude o premio o justo veção.
Veja a innocencia da maldade as tramas.

Da boa sociedade o trato a favel,
Costumes espinhosos amaciem ;
Patrios feitos na scena , a feitos novos
O patriotismo , o coração convidão.

Nua do som didatico a virtude
Melhor ao coração no exemplo fale ,
E a mente deleitando a scena deve
As normas da moral gravar nos peitos.

JOSINO E MARILIA,

IMPROVISO.

MARILIA.

*Fui encontrar a desgraça
Onde os mais achão prazer,
Amor que dá vida á todos
Só amim me fás morrer.*

Amor que pode,
Não quer valer,
Não ha remedio,
Senão morrer.

JOSINO.

Gostos quaes os que tivemos
Nunca mais poderei ter,
Pois só nos gostos que dás
He que s'encontra o prazer.

Amor que pode, etc.

MARILIA.

Vais-te Josino , e me deixas ?
Vai-se com tigo o meu ser ,
A fria mão da saudade
Ja me fás esmorecer.

Amor que pode , etc.

JOSINO.

Longe da minha Marilia ,
Que ventura pode haver ?
Se cá ficando Marilia ,
Com ela fica o prazer ?

Amor que pode , etc.

MARILIA.

Se pensasses nos extremos
Que por ti ousei fazer ,
Julgarias da existencia
Que ausente me vai caber.

Amor que pode , etc.

JOSINO.

Longe de ti , minha vida ,
Será cruel padecer,
Se pode chamar-se vida
Sem teus carinhos viver.

Amor que pode , etc.

MARILIA.

Se amas a tua Marilia
Porque assim a vás perder?
Entre as ancias da saudade
Porque assim a queres ver?

Amor que pode , etc.

JOSINO.

Ordena o munho que amor,
Ceda no peito ao dever,
Faltar ao dever he crime,
He fraqueza a amor ceder.

Amor que pode , etc.

MARILIA.

Amor para quem bem ama ,
He tudo , he gloria , he dever ,
Quem tem alma independente ,
Porque hade ao mundo ceder ?

Amor que pode , etc.

JOSINO.

Dizes que o pejo ofenderas
N'um só favor conceder ,
He martirio ver os gostos ,
E toca-los não poder .

Amor que pode , etc.

MARILIA.

Amor não sente o que aspira
As leis do pejo ofender ,
A quem amor só não basta ,
Não sabe amor conceber .

Amor que pode , etc.

JOSINO.

Se assim fosses não me viras
Em zelos crueis arder,
Nem vira o rival qu'odeio,
De meu mal escarnecer.

Amor que pode, etc.

MARILIA.

Zelos deslumbrão os olhos
Com eles se vé sem ver,
Ouve amor, e vé que os zelos
Nos envenena o prazer.

Amor que pode, etc.

Queixemos-nos pois da sorte
Que desgraçados nõ quer,
Mas do destino a despeito
Amemos a the morrer.

IMPROVISO.

AGRO em teu doce tens, hes mal saudade!
Hes má, que lembras o que haver não posso.
E a tua mentiroza companheira
A Esperança, não bem, promessa d'ele.
Se vós queridas sois dos desgraçados,
He que a sombra do bem, ao bem semelha;
Julga-se o bem chegar, se o bem se espera.
Mentiras sois, porem gratas mentiras;
Queridas inimigas, enganai-me!
Espelho d'alma que o prazer passado
Reprezentas tão bem, pinta Marilia!
Pára na boca, a boca! ó ceos! e posso!...
Tocas tão perto o bem se hes mal saudade,
Que he mal que sempre quero, oh! não me deixes!
Quando a pós Phebo a Irman cóm lús macia,
As ondas prateando, ao pé do arroio,
No suspiroso bosque, vens falar-me,
Que suave langor derramas n'alma?
Oh! que força gostosa o peito inclina
Para o d'amada auzente! Como acodem
Os affectos nas azas da lembrança?
Oh! que feliz engano! he doce o pranto

Que iluso coração remete aos olhos !
Se es mal, gosto do mal ; pára não fujas ;
Pára n'esse momento em que Marilia,
O primeiro favor.... Saudade escuta,
Aceita os versos meus, Marilia os veja,
Leia em meu coração, meus versos lendo.
Amor e Venus são paixões diversas,
Venus e não Amor sente a alma impura.
Delicado sentir, Amor, que inflama
Os Deoses, os Heroes, que por Marilia
Todo me eleva em nobres pensamentos,
Não tem toque de crime, he qual Marilia,
Tem feições da Virtude, he dos Ceos filho.

A PARTIDA.

CANÇONETA IMITADA DE METESTASSIO.

1812.

Eis o fatal momento,
Minha Marilia adeos,
Longe dos mimos teus
Oh! qu'existencia ruim?

Mais bem não hei-de ter,
Vou triste padecer,
E quem sabe se mais
Te lembrarás de mim!

Não verei mais o sitio,
Sitio onde a vez primeira
De amar, terna, e fagueira,
Ouvir-te as juras vim.

Meus gostos busco envão,
Lá deixo o coração,
E quem, etc.

Quando me perguntaste
Os olhos abaixando ,
Conheces.... Suspirando ,
Amor ?... e eu disse, sim.

Nunca tão belo dia
Me sahe da fantazia ,
E quem , etc.

Lembra-te aquela noite...?
Como na luz macia ,
A Lua parecia
Vestida de setim!

Ternissimos abraços
Gozei entre os teus braços
E quem , etc.

Lembra-te quando em zelos
Teu peito lascerado ,
Para aplacar-te o enfado
No erro teu convivim ?

No pranto que vertias ,
Mais linda parecias ,
E quem , etc.

Quando afastando os zelos,
Ferindo um tanto o pejo,
Na tua face um bejo,
Deu aos enfados fim?

Jamais meu terno peito
Sentio tão doce efeito.
E quem, etc.

Não subirei o monte
D'onde, ó meu bem, te via,
Onde a Melancolia
Fugindo do motim;

Do peito os ais soltava,
E assim me consolava.
E quem, etc.

Lembra-me na doença,
Esse ár todo ternura,
A tua formosura
Mais enlevava assim.

Com um bejo os teus cabelos
Me deste.... instantes belos!
E quem, etc.

Mas porque os ares canso
Com meus inuteis ais!
Se algum dos meus rivaes
D'Amor no galarim!...

Tem tanto de formoza,
Quanto de caprixoza,
E eu sei que nunca mais,
etc.

Em quanto nos tormentos
De minha infausta sorte,
Das dores só na morte
Espero alivio, e fim.

A nova chama cede,
E a meu rival concede
Quanto.... ai! que nunca mais.
etc.

Se um dia amor de instantes,
De amor puro, e celeste,
Como de mim tiveste
Souberes estremar;

Conhecerás o amante
A quem foste inconstante,
E qual de ti me lembro,
De mim te às-de lembrar.

CANÇONETA.

No mar, indo do Rio de Janeiro para a Bahia.

1812.

BERÇO de Venus
Mar proceloso,
Ouve os suspiros
D'um desditoso.

Meu peito em ancias
Te imita undoso.

Sem ti Cyprina
Jamais nascera,
E amor o mundo
Não conhecera.

Eu por Marilia
Nunca sofrera.

Linda, inconstante,
He tal e qual,

(150)

Marilia a Venus
Em tudo igual.

Essa Marilia
Que me fás mal.

Como em teu seio
Travesso mar,
Nasceo a cauza
De meu penar,
Assim a vida
Te venho dar.

Os ceos se enlutão
Jove dardeja,
Tremem os polos,
Noto es braveja.
Morte não poupes
Quem te dezeja.

Eia Neptuno,
Dobra o furor,
Imitem vagas
Dos ceos o horror.

Có a vida acabe
Meu louco amor.

Lá chega a morte!
Foge o tormento,
Ó que suave,
Doce momento!

Todo he Marilia
Meu pensamento.

Extasis sinto,
Tão deleitosos,
Quaes....quando os Deoses
Fiz invejosos;

Quando teus olhos....
Labios formosos!....

Contei por dias
Os dias meus,
Quando os querias,
Quando erão teus.

Dispreza-os.... morro.
Marilia, adeos.

Á UNS CABELOS.

Bahia, 1813.

ACUZAIS lindos cabelos
Linda mão que vos cortou,
E de vossos companheiros
Para sempre vos privou.

Eles Marilia enfeitando
Tem mais dita, mais beleza,
Mas vós escolhidos fostes
Como penhor de fineza.

D'aquela com quem me vistes
Ser tão feliz, tão ditoso,
Só vós me restaes : de nós
Qual he menos venturoso ?

De Marilia a frente ornastes
Pouzaes no meu coração,
Se perdestes na ventura,
Ganhastes n'adoração.

Sobre o meu peito assim juntos,
Junto a Marilia andareis,
E em quanto o peito existir,
Sobr'ele repousareis.

Mas eu.... formosos cabelos!
Como vivo, e então vevi!...
Lembraivos, que testemunhas
Vos sois do bem que perdi.

IMPROVISO.

Bahia, 1814.

*Minha Lira malfadada
Lira do meu coração,
Ao tempo ficaste exposta,
Ao de sabrido suão.*

Suspendida n'esse tronco
Para sempre abandonada,
Vive triste como eu vivo
Minha Lira malfadada.

Vibrar-te as cordas não ousa
Minha a mortecida mão.
Somos ambos desgraçados
Lira do meu coração.

Do que vales se Marilia
D'escutar-te já não gosta?
Depois qu'ela te despreza,
Ao tempo ficaste exposta.

(155)

A vós, que meiga dizia,
Lhe falava ao coração,
Hoje dís que rouca imita,
Ao desabrido suão.

Á FLÓR SAUDADE.

Bahia, 1814.

VEM cá, minha companheira,
Vem triste, e mimosa flor,
Se tens de saudade o nome,
Da saudade eu tenho a dór.

Recebe este frio bejo,
Bejo da melancolia,
Tem d'amor toda doçura,
Mas não o ardor d'alegria.

Onde te pegou Marilia?
Dize, onde um bejo te deu?
Mostra o lugar, n'ele quero
Dar-te outro bejo meu.

Se Marilia quer que exprimas
O qu'ela sente por mim,
Porque murchas? Não me lembres
Que amor também passa assim.

Marilia em tudo te iguala
Linda e delicada flór,
Mas infeliz se em seu peito,
Quanto duras, dure amor.

Tu venturosa cuidavas,
Quando o meu bem te colhéu,
Que morreras em seu seio,
Qual morri outr'ora eu.

Longe d'haste em que Favonio
Hia com tigo brincar,
Em vés de orvalho te sentes,
Só de lagrimas banhar.

Flor infeliz, porem eu,
Quanto mais infeliz sou?...
Nada te dice Marilia
Quando ela a mim te enviou?

Ah! se tu saber poderas
Quanto amor, quanta ternura,
Se souberas das dilicias,
Julgaras da desventura.

IMPROVISO.

Bahia, 1814.

*Minha Lira malfadada
Lira do meu coração,
Ao tempo ficaste exposta,
Ao de sabrido suão.*

Suspendida n'esse tronco
Para sempre abandonada,
Vive triste como eu vivo
Minha Lira malfadada.

Vibrar-te as cordas não ousa
Minha a mortecida mão.
Somos ambos desgraçados
Lira do meu coração.

Do que vales se Marília
D'escutar-te já não gosta?
Depois qu'ela te despreza,
Ao tempo ficaste exposta.

(155)

A vós, que meiga dizia,
Lhé falava ao coração,
Hoje dís que rouca imita,
Ao desabrido suão.

Á FLÓR SAUDADE.

Bahia , 1814.

VEM cá , minha companheira ,
Vem triste , e mimosa flor ,
Se tens de saudade o nome ,
Da saudade eu tenho a dór.

Recebe este frio bejo ,
Bejo da melancolia ,
Tem d'amor toda doçura ,
Mas não o ardor d'alegria.

Onde te pegou Marilia ?
Dize , onde um bejo te deu ?
Mostra o lugar , n'ele quero
Dar-te outro bejo meu.

Se Marilia quer que exprimas
O qu'ela sente por mim ,
Porque murchas ? Não me lembres
Que amor também passa assim.

Marilia em tudo te iguala
Linda e delicada flór,
Mas infeliz se em seu peito,
Quanto duras, dure amor.

Tu venturosa cuidavas,
Quando o meu bem te colhéu,
Que morreras em seu seio,
Qual morri outr'ora eu.

Longe d'haste em que Favonio
Hia com tigo brincar,
Em vés de orvalho te sentes,
Só de lagrimas banhar.

Flor infeliz, porem eu,
Quanto mais infeliz sou?...
Nada te dice Marilia
Quando ela a mim te enviou?

Ah! se tu saber poderas
Quanto amor, quanta ternura,
Se souberas das dilicias,
Julgaras da desventura.

(158)

Mas que digo! não me creias,
Não me vás atraçoar,
Saudade, he crime d'Amor
Seus misterios divulgar.

Á MARILIA.

Bahia, 1814.

Debalde ó roza pudica
Desabrochas do botão,
Debalde teu cheiro entornas
N'esta morna solidão.

Ternos cantores dos bosques
Debalde as voses trinaes,
Não ha prazer que me agrade
Eu só gosto de meus ais.

Sereno claro Jacuipe,
Teu murmurio me importuna,
Se d'ele gostava outr'ora,
Outr'era a minha fortuna.

Nem mais me aprás ver com tigo
Minhas lagrimas correr,
Tu leva-las já não podes
Onde elas devem ir ter.

Salgueiro a tua linguagem
Qu'outr'ora eu tanto entendia,
Hoje he muda, não a entendo
Tua conversa enfastia.

Eia respondi-me todos
Meus prazeres onde estão?
De meus gostos que fizestes,
Onde está meu coração?

Minha Marilia, onde está?
Respondei-me ó rio! ó flores!
Se eu sou d'ela, e ela he minha,
Quem me rouba os meus amores?

Ceo! se um rival em seu peito!...
Não, não temas coração,
Outros labios mentir podem,
Porem os seus labios não.

Eles dicerão-me, eu te amo!
E seus olhos mais dicerão,
Ó meu coração, bem sabes
A impressão que em nós fizerão.

Sofre alguns momentos mais
A saudade, a auzencia, a dór,
Coração, mas não recees,
Tal receio insulta Amor.

O juramento que guardas
Formarão os olhos seus,
Não jurão como os da terra,
Os olhos que são dos ceos.

Oh! meu bem, apressa o instante
Em que d'Hymenéo nos laços,
Subamos ao céo d'Amor
Eu nos teus, tu nos meus braços.

AOS ANNOS DE MARILIA.

Bahia, 1814.

EM quanto vés que te cercão,
Tantos rostos refalsados,
E com lizonja te dizem
Frios termos estudados.

Errando por estes ermos
O infeliz que te adora,
Quando os mais fingem prazeres,
De dór, e saudade chora.

Porque?... porque tu?... Não vamos
Da cór da melancolia,
Sombrear cores que devem,
Brilhar em tão feliz dia.

Aceita sinceros votos,
E nas azas do dezejo,
Recebe, que d'alma parté
Este carinhoso bejo.

(163)

Mais que ensenso o céo prefere
A pureza da intenção,
Tu que és meu céo, oh Marilia!
Aceita o meu coração.

Marilia, sé venturoza
Qu'eu seja, ou não, pouco val,
Quem não se dá da fortuna,
Tal vés sofrer saiba o mal.

Se és justo, ó ceo! venturosa
Minha Marilia ha de ser,
E de dilicia em dilicia,
Seus annos hão-de volver.

Tão ditosa quanto he meiga
Dá que seja amigo céo,
Seja tão feliz Marilia,
Quam desgraçado sou eu.

O ADEUS.

IMITAÇÃO DE METASTASSIO.

Bahia, 1814.

CHEGOU do adeus o instante
Minha Marilia, adeus,
Ai! que viver he morte
Longe dos mimos teus.

Meu coração! ai! triste!
Mais gosto não terás,
E tu, de mim, quem sabe,
Se mais te lembrarás.

Lá por agrestes selvas
Saudosos passos dando,
Irei por ti, Marilia,
Aos montes perguntando:

Um dia, e outro dia
Irei passando assim,
Equem sabe se tu
Te lembrarás de mim!

Verei, meu bem, mil vezes
Aquele sitio amigo,
A ondê, ó minha vida!
Fui tão feliz com tigo.

• Lembranças cento, a cento,
Hão-de matar-me em fim;
E tu n'alguns instantes
Te lembrarás de mim?

Ás margens do Jacuipe
Meus pés me hão-de arrastar,
Por mais que fugir queira,
Sei que lá heide ir dar.

Com suas mansas aguas
Como heide conversar?
Por ti, qu'eide dizer-lhe,
Quando ele perguntar?

Sitio onde amor juramos
No mais ditozo abraço,
Onde o primeiro bejo
Firmou d'amor o laço,

Teu coração te explique
Seu doce palpitar,

(166)

E como bem me lembro,
Bem se hade ele lembrar.

Ah! lembrem-te os momentos
Queridos dos Amores,
Lembrem-te.... tu bem sabes....
Lembrem-te os seus favores.

De ti já não duvido
Sim, tu me amas, sim,
E qual de ti me lembro
Te lembrarás de mim.

(167)

AO RIO JACUIPE.

1815.

CANÇONETA.

MANSO Jacuípe
Rio saudoso,
Ouve os queixumes
D'um desditoso.

Viste-me alegre
Ve-me choroso.

Tinha jurado
De Amor zombar,
E nova jura
Venho hoje dar,

Quem vio Marilia
Jura de amar.

Antes de vê-la
O gosto, ou dór,

(168)

Qu'em mim sentia,
Não era amor.

Hoje arde o peito
Sou todo ardor.

Hoje he que sinto
Essa ternura,
Que só Marilia
Tem na candura,

Mimo dos céos,
Don d'alma pura.

Já lhe fis dote
Do coração,
He seu, quer ela
Aceite ou não.

Em bora chamem
Erro, ou razão.

Morro se d'ela
For desprezado,

(169)

Jacuípe amigo
Ahi tens meu fado ,

Ahi tens a sorte
D'um desgraçado.

Perdendo a vida
Cessa o penar :
Porem Marilia
Onde hade achar ,

Quem , como eu amo,
A saiba amar ?

O nome e a jura
Qu'eu a ti digo,
Só o Marilia
Ó rio amigo ,

Dize , se um dia
Falar com tigo.

E vós Favonios
Que assim brincaes ,

(170)

Quando ao pé d'ela
Brando adejaes,

Dizei-lhe ao ouvido
Que sois meus ais.

Placida limfa
Que lá vás ter,
No teu murmurio
Convida-a a ver

Lagrimas que ela
Me fás verter.

IMPROVISO.

Hes, Amizade entre os homens
Dos ceos o melhor presente,
Más um não sei que te falta,
E o coração he que o sente.

Amor tu hes a dilicia
A gloria da humanidade,
Mas o « não sei que » te sobra,
Que nos falta n'Amizade.

Hymenéo só tu completas
A humana felicidade;
Tens o que sobra em Amor,
Tens o que falta a Amizade.

RESPOSTA IMPROVISADA

DE C. G. LEDO. 1823.

DOCE Amor, não necessitas
Dos enlaces de Hymenéo,
Ele só he venturoso
Quando goza o prazer teu.

Tu sopras a chama activa
Que encendia o coração,
Hymenéo apaga os fogos
Que nutrirão a paixão.

Tu vives do enthusiasmo,
E o Hymenéo da frieza,
Ele he um Deos parcial,
Tu, o Deos da natureza.

RESPOSTA IMPROVISADA

DE R. F. DA COSTA.

**BRANDA Amizade, o teu fogo
Sempre accezo, e sempre igual,
He d'alma doce alimento
Nutre prazer immortal.**

**Corações e entendimentos
Prendes com ditoso nexo,
Tu nada tens de carnal
Tu jamais destingues sexo.**

**Quer Amor, quer Hymenéo
São escravos de ciume,
Só em ti não tem imperio,
Esse detestavel Nume.**

RESPOSTA IMPROVISADA

PELO AUTOR.

DURA amor somente em quanto
Dura da idade o verdor,
Mas lá no insulto dos annos
Com aidade foge Amor.

De Hymenéo castas docuras
Como os laços d'Amizade,
Mais augmentão, mais se estreitão
Quanto em nós mais crece a idade.

Basta um olhar, basta um rizo
Para Amor alimentar,
Hymenéo quer sentimentos
Sabe na prole durar.

OUTRA.

MUI notavel differença
Ha entre Hyménéo e Amor ;
A aquele acompanhão Graças,
A este adorna o pudor.

Hymenéo tem d'Amizade
Quanto ela tem d'Amor ;
Hymenéo todo he brandura
E Cupido he todo ardor.

De Hymenéo s'eleva a dita
D'Amizade no fervor ;
No Hymenéo não ha delirio
E não ha sem ele Amor.

AOS ANNOS

DA SENHORA D. MARIA DO CENACULO
MADUREIRA.

Almada, 1823.

LONGE da patria querida ,
Dos amigos , dos parentes ,
De nossas afeições todas
Por tão vasto espaço auzentes ,

Boa Marcia , se teus mimos
Tua bondade sem pár ,
Magico don não tivessem
Da saudade acalentar

Se não foras , no desterro
A que fomos condemnados ,
Se inda contassemos dias ,
Serião bem disgraçados.

Supre á esposa , supre aos filhos
O teu feiticeiro agrado ,
Da familia os doces mimos ,
Da patria o concheço amado.

Na saude encontrão rizados,
E na doença desvelos;
A ti Marcia devo adita
De assim satisfeitos vé-los.

Muito alem teus modos, Marcia,
Vão, da fagueira amizade,
Sim, tens do céo, não me engano,
O querque he da divindade.

Á Phebo que baixa as vezes
A vir conversar com migo,
Fui pedir que m'inspirasse
Para m'explicar com tigo.

Quis cantar-te, porem ele
Tirou-me a lyra da mão
Dizendo, a Marcia só quadrão
As vozes do gratidão.

Manda aos ceos ferventes preces
Para que a bem dos mortaes,
D'entre nós Marcia, não levem
Para os Anjos seus iguaes.

(178)

E qual no seu natalicio
Vem no anno a mão da Era (1)
Fechar as portas do Inverno,
Abrindo as da Primavera.

Fujão do inverno da vida,
De sua vida os rigores,
Os seus annos engrinaldem
Da Primavera os primores.

E eu co' a esposa, eos filhinhos
Em quanto tivermos vida,
Diremos que um Anjo achamos
Na patricinha querida.

(1) 20 de março.

IMPROVISO.

Ao motivo dado por uma Senhora na seguinte
cantiga.

Lisboa, 1823.

FOSTE falso e fementido
Enganaste o peito meu,
Se já te não correspondo,
A culpa não tenho eu.

Tenho aminha liberdade
Já respira o peito meu.

O juramento recorda
Que deste em nome do céo,
Se a ele foste perjura,
A culpa não tenho eu.

Tenho, etc.

E mesmo assim quanto tempo
O coração combateu!

Se a razão pode vencelo,
A culpa não tenho eu.
Tenho, etc.

Quantas vezes de meus olhos
Amargo pranto correo!
Se hoje rio satisfeito,
A culpa não tenho eu.
Tenho, etc.

Tua vista no meu peito
Muito bem meu amor leu,
Se então não me captivaste,
A culpa não tenho eu.
Tenho, etc.

Vi qu'eras uma voluvel
A quem nunca amor prendeu,
Se te dóe que te não ame
A culpa não tenho eu.
Tenho, etc.

Menina s'isso não basta
Para desengano teu,

(181)

Queixa-te de quem quizeres,
A culpa não tenho eu.

Tenho, etc.

E se meu concelho queres,
Foge d'amor que he Judeo,
Fere, e dis rindo das dores,
A culpa não tenho eu.

Tenho aminha liberdade
Já respira o peito meu.

Pedindo uma Senhora ao Autor que fosse portador de versos que á outra oferecia , a acompanhou-os com o seguinte.

IMPROVISO.

Almada, 1823.

MERCURIO bem que Deos seja
Emprego não tem capás,
Eu sempre achei pouco airozo
Oficio de leva, e trás.

Porem como tudo mude,
Tenho mudado tambem;
E o que hontem feio julgava,
Hoje me parece bem.

Francilia louvou a Alcipe,
E quer que de seu louvor,
(Muito pago estou da escolha)
Eu vá como embaixador.

(183)

Alcipe, ahí tens lindos versos,
De justiça e de razão,
Ser neste cazo Mercurio,
He bem gostosa função.

No decimo quinto dia de uma grave molestia , improvisou
Alcipe a seguinte.

RESPOSTA.

Almada, 1823.

COM tanto desdem não trates
O Numen do caduceo ;
Sempre d'ele se fiarão
As embaixadas do céo.

Seu emprego te pertence
Por teus dotes immortaes ;
Bem vés que não há no mundo
Mais altas credenciaes.

Por ordem d'uma camena ,
Aquele emprego assumindo ,
Trazes para coroar-me
Mimosas flores do Pindo.

Em troca do dom sublime
Com que alegras esta selva,
Só pode Alcipe entregar-te
Quaze murcha, humilde relva.

Junto a planta tão rasteira
A minha empenada lyra,
Que ha muito se algum son forma
Melancolia suspira,

Esta dadiva mesquinha
Nas mãos de Francilia offerta;
No adormecido instrumento
Verás, como os sons desperta.

Verás que seu estro ardente
A rustica planta aquece,
E logo (mucha em meus Lares)
Junto d'ella reflorece.

Se deste milagre hes cauza
Que sorte haverá melhor,
Quando a gloria de Francilia
Deriva de embaixador?

ALCIPE,
Senhora Condeça d'Oyenhansen.

(186)

AO SENHOR D. B. DE B.

Lisboâ, 1823.

CEDENDO ao suave impulso
Da mais viva gratidão,
Teimoza negando ouvidos
A sizuda reflexão.

Fui as copias que exigistes
Douto B.... começar,
De Alcipe aos sublimes versos
Os meus versos pondo a pár.

Eis quando as primeiras letras
Apenas formado havia,
A meu lado assomar vejo,
O Numen que rege o dia.

Louca mortal atrevida,
Me diz cheio de furor,
Com tanta ousadia abuzas,
Do meu celeste favor?

Da Lira sempre discorde
Que apenas sabes ferir,
Imaginas que te he dado
Roucos sons fazer ouvir ?

Não basta louca, não basta
Hires sem minha licença,
Rudes trovas sem conceito
Mandar de Alcipe á presença ?

Queres estas mesmas trovas
De Alcipe aos versos juntar,
Ea B...., ao meu dilecto,
Hir novamente inviar ?

Não te acobardas in cauta,
Dê pejo não estremeças ?
Aprezentando a seos olhos,
Louvores que não mereças ?

Temeraria, deixa a empreza
Ou não contes mais comigo,
Se não para experimentares
O mais severo castigo.

Receias que elle te julgue
Esquecida , ou perguiçoza ?
Antes te chame esses nomes ,
Do que te chame vaidoza.

Meigo Nume.... quiz dizer-lhe ,
Porem não me quiz ouvir !
Foi-se e deixou-me perplexa ,
Sem me saber decidir,

Diz-me agratidão , de hum lado ,
Que os versos vá escrever ,
De outro lado a razão grita
Que tal não devo fazer.

Porem como no meu peito
Tem seu templo agratidão ,
Faço o que ella me a concelha ,
Ponho de parte a razão.

Eia acomeçada obra ,
Sublime B...., prosigo ,
Conheço que o devo, e quero
Dezempenhar-me com tigo.

(189)

Dos meus versos, dos de Alcipe,
Eis ahi a copia exacta :
Antes me julgues vaidosa,
Do que me julgues ingrata.

FRANCILIA (Pussolla).

RESPOSTA DO AUTOR

A FRANCILIA.

Aos tristes tambem a sorte
As vezes compadecida,
Manda algum bem que disfarce
Os amargores da vida.

Liberal deo-me em teus versos
Balsamo consolador,
Inda mais, deo-me ufania,
E desprezo pela dór.

Vi, teus versos lendo outr'ora;
Essa meiga suavidade,
Esse magico descuido
Que lembra sublimidade.

Quando pintas a Beleza,
Eu penso que t'estou vendo,
E quem tratará contigo,
Sem ficar por ti morrendo?

Finos toques a que o homem
Foi prohibido chegar,
Dado as poucas do teu sexo,
Felices em te imitar.

Tantos talentos, e graças
Reunir sem pretensão,
Eis o espirito sublime,
O timbre da perfeição.

Dizia eu, quando ainda
Os teus versos maviosos
Me não tinham dado a gloria,
De ter tantos invejosos.

Hoje que com teus louvores
Todo me sinto vaidoso,
Quis cantar-te publicando
Meu destino venturoso.

Mas a lyra a longo tempo
A tristeza abandonada,
Responde rouca aos esforços
Da mão tremula, e pezada.

(192)

Alcipe cante a Francilia,
Oicão-se cantos iguaes,
Contrasta o canto das Deosas,
Có a rude vós dos mortaes.

De ti Francilia suave,
Hajão meus versos perdão,
Suprão faltas de poezia
As sobras da gratidão.

fendo o

Quando o Autor defendido os direitos do bello sexo, recebeu,
entre outros mimos, os seguintes versos.

LISBOA, 1823.

PARA que os homens podessem
Os velhos vicios mudar,
Fora preciso primeiro
Có a raça de hoje acabar.

He já coiza tão comun
Nosso sexo desprezar,
Que paixão do espanto á mófa,
Se alguém ousa em nós falar.

Athe já li que doutores
Atreverão-se a negar,
Que dentro dos nossos corpos
Alma podesse habitar.

E ha quem nossos direitos
Ouse a foito declarar?
Ou não creio, ou foi um Anjo
Que ao mundo dignou baixar.

(194)

Não prodús nosso emisferio
Um ente tão singular,
Se he mortal, veio do outro,
Não se me dá de apostar.

Venturosas Brasileiras,
Como será doce amar
No vosso paiz, se os homens,
Como este, sabem pensar?

Permeti que a vós me una
Para uma flor ajuntar,
Á coróa com que a B....
Deye o nosso sexo honrar.

OSMIA.

RESPOSTA DE UMA SENHORA

Á UNS VERSOS DO AUTOR.

MODESTE favori des filles de Mémoire,
Qui sembles ignorer et mépriser ta gloire,
O toi, dont les accens toujours mélodieux
Savent si bien parler le langage des Dieux!
Qui, d'un pas assuré, gravissant le Parnasse,
T'asseois près de Tibulle, et non distant d'Horace;
Quand pour lire mes vers tu quittes tes vallons,
Au lieu de me louer donne-moi des leçons.

CONCELHOS DADOS AO AUTOR

POR UMA SENHORA.

QUELS désirs insensés oses-tu donc former ?
Es-tu las du bonheur, puisque tu veux aimer ?
Connais-tu ce poison qui court de veine en veine ?
Qui fait rougir, pâlir, trembler, sentir la haine ?
La jalousie enfin !... O Dieux ! cruels tourmens !
Ce monstre, qu'Alecton a porté dans ses flancs,
Suivante de l'amour, sa compagne fidèle,
Ne te quittera plus ; tu verras autour d'elle
La rage, les soupçons, le sombre désespoir ;
Tu croiras sans entendre, et tu verras sans voir
Un mot, un mouvement, le silence lui-même
Paraît un crime horrible, un odieux blasphème.
Non, garantis ton cœur de ce supplice affreux
Végète indifférent si tu veux être heureux.

EPISTOLA

escrita pelo Senhor P. J. de Mello ao Autor,
então em Paris.

Lisboa, 1º de outubro 1805.

Ah! vem deliciosa variedade
Acode-me có teu risonho enleio,
E borrifa de agrado estas rabiscas.

PHILINTO, *à Variedade.*

TOCA a patronear amigo B.....,
Solte-se fio á lingua, e semiemos
No argenteo campo descosidas voses,
Taes quaes as for mandando Mnemosyne
Ao vão da testa d'onde á penna descão.

Assim plantava inumeras herdades
Amplas herdades de opulenta margem,
O filho de Francisco, antes de Ignacio;
Esse que as Theses alcunhou. — Rugidos,
Do Lião de São Marcos, literarios.

Não ser prometo na extensão Macedo,
Mas tal vés na intensão Macedo seja.
Vá d'Historia, Bandarra dos Bandarras;
Fita as orelhas, escancara a bocca,
Encruza os braços, e calado, e atento
Ouve quanto narrar te quer a Muza.

Era o anno meiado, e o loiro Phebo,
Da cupula azulada ardentes raios
A pino contra a terra dardejava;
Quando se escuta do atabale o eco.
Casar-se ao som da rouca charamella:
Alvorocado o povo corre em barda,
Guapas moçoilas as janelas pêjão,
Eo foguete arrojado que se embêbe
Do ár pela planice, e lá rebenta,
Abre nos corações stadio largo,
Por onde almo prazer entra de golpe.

Que seria, meu rico, que seria?
Certo o não adevinhas; e o aposto,
Era o cirio, que a mui miraculosa
Imagem da senhora Santa Martha,
He costume offertar de anno em anno.

Não pára aqui: afluxão-se cartases,

Voão todos a lê-los, oh! ventura!
Mascaradas, e Toiros se annuncião.
Para a banda d'alem se muda a cóрте,
Herma fica Lisbóa, e de Eva eu filho,
Pelo vicio primeiro aguilhoado,
Vou tambem na criança tomar parte.

Eis-me novo Argonauta demandando,
Não o reino de Colchos mas Cacilhas,
Cacilhas em que muitos vellocinos
Descoucado Jason roubar podera.

Não tinham os carolas, oh! descuido!
Propiciado Eólo, e nem das aves
Nos agoreiros vôos reparado.

Mansamente rasgava o curvo barco
O seio ao Padre Tejo, eis de improvisio,
Rugindo rompem da Cimeria gruta
Os Tufões, as Rajadas, as Refegas,
Trazendo á testa o furibundo Eólo:
Aqui arrancão, acolá derribão.
Esporéão Neptuno em seus dominios,
E raivosos, e feros nada poupão,
Em vingança do chefe estimulado.

Fóge do rosto a cór, e quaze foge
 A esperança dos peitos mais seguros :
 Serras e serras s'erguem pavorozas,
 Eo atribulado lenho em cova enorme,
 Breve presume ser acapelado.
 Então de todo exangues, invocamos
 Da festejada santa o patrocínio,
 E subito, oh prodigio! oh pasmo! oh gosto!
 Vemos fugir o dezabrido Eólo,
 Do turbido cortejo acompanhado,
 A sumir-se nos antros tenebrozos,
 Onde é seu uzo arrebanhar os ventos.
 Despe o Tejo á aspereza dos vestidos,
 E azulado sitim sereno traja :
 Volve aos nautas a cór, e vem com ela,
 Aos inanidos peitos a esperança :
 Surde o batel veloz, e dentro em pouco,
 No pontal nos achamos saons, e salvos.
 Bem não tinhamos posto pé em terra,
 Eis-nos ja rodeados de Garotos,
 Que a profia ornejantes creaturas,
 Impingir-nos querião mui lampeiros :
 Aqui a cotovélo, ali a empurro,
 Te que da rapazia gralhadôra
 De todo livre, os passos endereço,
 Apouzada d'um jarra de seis centos.

Donosas moças me aguardavão lestes,
Para o festivo-burrical passeio,
Que a modo de romagem pertendião,
Fazer a boa santa no seu dia.

Apenas me lobrigão correm todas,
Ao topo da escada, a receber-me;
E mesmo ali, por que esperar não podem
Nem a curiosidade lho consente,
Inquirem de tropel: como chegára
Que tal fora a maré, se houvera susto,
Quantas pessoas vinhão, se era em bote
Se em fragata ou falúa, em fim tal grita
Tal azoinada em torno me fizerão,
Que victima quizera antes ter sido
Dos ventos irritados, que aturalas.
Sim, sim, maré de rosas, lhes respondo,
E sim a tudo mais foi quanto disse.

Entramos para a sal, vem licôres,
Querem todas beber, porque os sobejos
Bebendo-os eu, bebesse-lhe os segredos.
Oh fineza inaudita! oh regozijo!
Sempre o diabo as tente, que os taes restos
Deitarão para lá d'um bom quartilho.

Soão n'este entrementes quatro horas,

E sóa a vós geral. — Que dos burrinhos ! —
 Salto eu como um gamo, saltão outros,
 Eis-nos no pateo serviçaes Quichotes,
 Cada qual para sua Dulcenéa,
 Procura descobrir cavalgadura,
 Que leve as lampas ás demais do rancho :
 Em tanto ferve a santa lá por cima :
 Antonia dá-me as luvas, ouves ? olha,
 As verdes ; percebeste ? vem de preça.
 Joaquina o meu leque, á pre co' a sorna !
 Não achas ? Forte peste ! eu vou busca-lo.
 Anda Rofina dis a Maen gaiteira
 Á filha qu'inda busca certo dixe.
 As mais estão montadas, vé se perdes
 O favor destes guapos cavalheiros
 Pelas tuas molezas do costume.

N'isto vinha descendo huma que os trinta
 Á seis verões fizera n'este sitio,
 Precioza do toque das que pinta
 O Terencio Francés, com tanta graça.
 Havia-lhe esquecido o chicotinho
 Ou antes de proposito o deixára
 Para ostentar linguagem d'alto bordo.
 Descida meia escada se envieza,
 E diz para a criada, em vós muiclara :

aze da guarda-roupa o meu *flagicio*,
este *ebrio* animalejo
de ficar atrás dos mais *quadrupios*. »
o! bravo! senhora Dona A...
lo eu, acodem os demais,
ne que he remontar-se! e ela ufana
e os degráos restantes, e presenta
lbarda no coxin nafadas bebas.
os que he tarde, clama em vão o jarra,
aza dono, sem que tal pareça,
ar das sangrias que na burra,
estas brincadeiras dá frequentes.
rta este silhão uma dizia,
a amanhar os fatos ordenava,
ue em fim sóa a vós.— Estamos promptas.—
ío sobre o jumento me escarrancho,
arapitão-se os demais Adonis,
o pateo, á calçada nos passamos.

o do tezo arco parte a seta
o ár nas campinas rarefeitas,
cola ferir vai n'um momento,
o burrimontante secio bando,
s depressa que o demo esfrega um olho,
sitio do folguedo se apresenta.
estem logo có a Hermida as Moças.

E vão rogar a virgem Santa Martha
 Que do pezo virgineo as alivie,
 Que hum tal ou qual marido lhes depare,
 Porque o cazo não he ter bom marido,
 Mas ter marido, que no dia de hoje,
 He hum traste de luxo, em suma hum traste.
 Concluida esta scena surdem fora,
 E nós os campões no ádro á lerta,
 Vamos ligeiros enganchar o braço
 Na do que para nós os tem abertos.

Era o tempo em que os fervidos Etontes
 Tocado havião já do occaso as portas,
 E Thetis no regaço cristalino
 Fresco repouso aos incalmados corpos
 Com semblante fagueiro lhe offertava.
 Do opposto lado o rosto a levantando
 Vinha mui mansamente a meiga Phebe.
 Macias virações brincavão ledas,
 Do vizinho Pereiro co' as madeixas;
 E os corações no peito embrandecidos
 Aos de Amor feros golpes se entregavão.

Assim dispostos enfiamos prestes
 O que á feira condús curto caminho,
 Não tão curto que tempo não houvesse

Para vir á memoria dos amantes
A prenda que á Parceira dar devião.
Maldito seja o que inventou primeiro
Prendar senhoras por diversa guiza
Da que os nossos maiores praticavão.
Felpudo, historiado ramelhete,
Hum joelho por terra, hum fineza,
E outras ninharias deste lóte
Era quanto expendia a boa gente:
Oh costumes! oh tempos venturosos!
Que tão azinha d'entre nós partistes!
Quem vos não chorará? Quem não quizera
Picar-se antes das rosas nos espinhos,
Que d'uma mina tressuar na cava
Para extrahir ensanguentadas barras,
Com que do toucador em nossos dias
Compramos os tarecos corruptores!
Ah! meu caro Doutor, como são parvos
Os namorados d'esta ferrea idade?
Que Amor he liberal dizer ouvirão,
Mas não sabem que Amor não fas Quintellas.

Episodios porem abandonando,
Emendemos o fio a historia nossa,
E os coitados amantes contemplemos
Me tendo mãos ás engelhadadas bolças.

Esta escolhe humanel, aquella um pente
 Huma quer hum toucado, est'outra hum leque,
 Em fim tanto apetezem, tanto feirão,
 Que as bolças quasi, quasi escorropichão.
 Aliviados pois do aureo pezo,
 Volvemos os mesquinhos Namorados,
 Em demanda da recua Zurradoura;
 Mais leves que uma penna nos lançámos
 Das podres alimarias sobre o dórso;
 E partimos do sitio esconjurando
 A hora que ao tal sitio nos trouxera.
 Calados cabisbaxos, e sombrios
 Trilhamos a estrada que nos vira
 Ha pouco alegres, falas trões, altivos.
 Em tanto as Raparigas que não sabem
 A causa do silencio desusado,
 Poltrões nos chamão, fracalhões, maricas,
 E com chufas nos tirão a terreiro.
 Necias que não atinão co' motivo!
 Mas em fim taes chalaças nos disserão,
 Desenvolverão pieguices tantas,
 Que nós mais distrahidos da massada,
 Na liça das graçolas nos metemos.
 Jucundo foi o resto do passeio,
 E convinha que o fosse porque a limpo
 A despeza tirassemos da Feira.

Eis-nos chegados ao portão da quinta
Onde outra réde nos estava armada :
Quicá não adevinhas ? era a paga
Dos malditos burrinhos e gurgétas :
De novo nos coçámos, e com magoa
Dos ultimos tostões nos despedimos.

Era já tarde, e acalada noite
Propicia á Venus convidava os pares
A luta com que outr'ora povoarão
Pirrha, e Deucalionte a herma terra,
E... Mas chiton senhora Dona Clio!
Attenda que o Doutor he chocalheiro,
Embetesque no bucho o seu segredo,
Alias tem deve-lo asso alhado.
Bóia laia de Musa ! Ei-la ja moita,
E eu moita com ela : Adeos meu rico.

Partindo o Autor de França para a America, o Senhor
Francisco Manoel do Nascimento (Filinto Elysio) lhe
dirigio a seguinte

ODE.

Thebaida ⁽¹⁾, 14 de agosto de 1810.

Quid nos? quibus te vita sit superstito
Jucunda; si contra gravis.

HORAT. Epod. I.

Com magoa ouvi que partes, caro B.... ⁽²⁾
Deixas-me nestes êrmos,

(1) Era o nome que dava a Choisy-le-Roi, villa perto de Paris, onde então morava o poeta.

(2) Mande-me alguma poezia descriptiva das Terras de Cabral. O autor mandou-lhe logo a Epistola que se lê n'este vol, mas não deparou com o que lhe escrevêo do Brasil.

Saudoso, velho? e ameaçadora a Morte,
Brande (não de mim longe!)

luzidã fouce : ágra a pobreza
De feia catadura,

Co' as seccas mãos, me aperta o peito ansiado!

Em quanto o alivio tinha
De receber teus versos, tuas prozas,

De em cambio remetter-te
As minhas, socegava a séva frágua

De atribuladas penas,
Com que o futuro me ennegrece os dias.

Mas, de mim quando auzente!...
Afasta-te de mim, acerba ideia.

Vai B.... brandos Zéphyros
As ázas teu baixel continuos tómem.

E á patria te confiem ⁽¹⁾;
A patria, que contente os braços te ábre
Para te estreitar n'elles.

(1) Sic te Diva potens Cypri
Sic fratres Helenæ, lucida Sidera,
Ventorumque regat Pater
.
Navis, quæ tibi creditum
Debes. . . .

Verás o Páe, que te ama, e que respeitas
Os Irmãos, os Amigos ⁽¹⁾,
O tecto, o berço onde com rayo puro,
A ti recém-nascido,
Deu prima luz o sól. Quanto se prezão
Os bosques onde infantes,
Demos tenrinhos passos mal-seguros!
Comque prazer não vemos
Depois de largos annos de apartados,
Osque, na vérde idade,
Com nosco éráo no studo, éráo no jogo!
De tudo vás lograr-te,
E eu, apezar da dôr de ver-te ausente
Devóto aos ceos t'ó imploro.

FRANCISCO MANUEL.

(1) Lembranças a Antonio d'Araujo, Ferrão
e a Paulo Jozé de Mello com quem me ligou
amizade a fama de suas virtudes, e os seus es-
cellentes versos.

IMPROVISO

comque a Senhora Condessa d'Oeynhausén mimoseou ao Autor, lendo (em Almada 1823) a Cançoneta á Saudade que n'este vol. se vé.

Vem cá minha companheira
Vem triste, e mimosa flór ;
Se tens de saudade o nome,
Da Saudade eu tenho a dór.

GLOZA.

A Parca em seu fuzo enrola
Os meus afflictos instantes,
Poem-me os prazeres distantes,
E a fatal thesoura amola.
Nem aumenos me consola
Memorar a vida inteira ;
Tudo fugio, que me resta !...
Fu meditação funesta,
Vem cá minha companheira.

Contemplando a natureza
Os astros, a terra, o céo,
Tudo, tudo esmorecéo,
Tudo amortece a tristeza.
Murchou do tempo a belleza
As boninas não tem côr,
Só tu conservas vigor
Saudade, que açouta o vento:
Symbolo do meu tormento,
Vem triste, e mimosa flôr.

Funesta flôr que não sentes
O que á vista significas,
Que hypocritamente explicas,
O que insensível desmentes:
Não insultes descontentes,
Que a dór aguda consome:
Teme que vingança tome
O céo, d'esse atrevimento,
E que te desfolhe o vento
Se tens de Saudade o nome.

Nome que differe tanto
Da cruel realidade,
Como a sombra da verdade,

(213)

O céo dos sitios do pranto :
Se gemo, se a voz levanto,
Se inspiro aos mortaes terror
He que o meu sedento ardor
De Tantalo á sede excede,
Com meu mal nenhum se mede,
Da saudade eu tenho a dôr.

ALCIPE.

O Senhor Maciel Monteiro dirigio de Paris ao
Autor (1824) sobre a mesma quadra, a seguinte
gloza.

Vem cá minha companheira
Vem triste, e mimosa flôr,
Se teus de Saudade o nome
Da Saudade eu tenho a dór.

GLOZA.

TRISTE flôr, muda expressão,
De meu cordeal segredo,
Hes hypocrita arremedo
Do que sente o coração.
Agreste solo, mansão
De tua estirpe rasteira,
Abandona, e vem ligeira,
Dentro em meu peito encerrar-te,
Com elle identificar-te
Vem cá minha companheira.

No fatal apartamento
Do meu ceo, Marilia amada,

Tu interpretas calada
Meu lethal padecimento.
Vem dar-me n'este momento
Vivo, animado calór,
Vem partilhar minha dôr,
Meus instantes enlutados;
Carpir commigo meus fados
Vem triste, e mimosa flôr.

Com mera irritab'idade
Partilha dos vegetaes
Sensações de dôr, e ais
Exprimes, ó flôr saudade!
Se animal sensib'idade
A natura em ti não some,
Minha alma qu'amor consome
Tu hes, ou hes copia d'ella;
Hes a dôr que me flagella
Se tens de Saudade o nome.

Emblema do disprazer
Qu'auzencia motiva, e gera,
Minha afflictiva dôr, fera
Fingida pareces ter.
Melancolica ao te ver

(216)

Do meu mal cresce o rigor;
Se me avistas terna flôr
Dobras tua solidade :
Tu te appellidas Saudade
Da Saudade eu tenho a dôr.

SONETO

REMETIDO DA BAHIA AO AUTOR

EM 1825.

ASSIM Franklin usou , quando pugnava
Da patria pela o pressa liberdade.
Tal com Washington da immortalidade ,
Pelo espinhoso trilho caminhava.

Ocupas o lugar que elle occupava ,
Como elle defensor da humanidade ,
Ganhas B... igual celebridade ,
Amas a patria como elle amava.

Nobre teus cabedaes abandonando ,
Afoito aos pr'igos exposeste a vida ;
Já para a gloria meia estrada andaste.

Qual forte espada , val , na Marcia lida ,
Em politica a pluma que empunhaste ,
Por mim to diz a patria agradecida.

REMETIDO DO RIO DE JANEIRO

AO AUTOR EM 1825.

SE he doce a patria servir,
E gentil morrer por ella,
Consola bem nos trabalhos,
Virtuosa esposa, e bella.

Lindos filhos como os teus,
Incitão da gloria o amor:
O Brasil conta com tigo,
Não se dá melhor penhor.

Taes prisões, e os cabedaes,
São que gerão patriotismo,
Juntando-lhe o brio, e luzes,
Sobe a mais, toca o heroismo.

FIM DO TOMO PRIMEIRO.

INDICE

DO TOMO PRIMEIRO.

	Pag.
Ode ao S ^r M. R. Gameiro.	5
á meu Pai.	7
ao nascer do Sol.	9
á Noite.	12
á Saudade.	15
á Marcia.	17
á Beleza.	19
á Madrugada.	22
ao chegar a Bahia.	25
á Senhora D. G.	27
ao S ^r V. Navarro.	29
á Esperança.	31
á Melancolia.	33
á Gratidão.	36
á Virtude.	38
á Amizade.	41

T. 1.

Epistola ao Sr P. J. de Mello.	43
ao Sr Francisco Freire.	49
ao Sr Dr F. E. D. da Silveira.	52
ao Sr M. R. Gameiro.	55
á meu Pai.	58
á Filinto Elysio.	61
ao Sr M. R. Gameiro.	65
Epigrama.	71
Convite á M. Delille.	72
Tradução por M. Le Mazurier.	73
Epigrama.	74
Quintilhas ao Tabaco.	75
Quintilhas á Cupido.	82
Oitavas.	87
Gloza.	90
Epicedio.	93
Quadras á um Amigo.	99
Soneto.	102
Descripção de uma Tempestade.	103
Á um acazo, Madrigal.	107
Á um sonho, Madrigal.	108
Acrosticos.	109
Epigramas.	110
Improviso.	111
Aos Amigos.	114
Cantigas improvizadas.	116

Á uma Senhora no dia de seus annos.	118
Á uma Menina.	119
Acrosticos.	120
O Contraste , Cançoneta.	121
Ao Salgueiro chorão , Cançoneta.	124
A Vingança , Cançoneta.	129
Aos annos de uma Senhora.	132
Aos Bahianos , na abertura do seu novo theatro.	133
Josino e Marilia.	138
Improviso á Saudade.	143
A Partida , Cançoneta.	145
Ao Mar , Cançoneta.	149
Á uns cabelos.	152
Quadras improvizadas.	154
Á Flor Saudade , Cançoneta.	156
A Marilia.	159
Aos annos de Marilia.	162
O Adeos , Cançoneta.	164
Ao Rio Jacuípe , Cançoneta.	167
Improviso.	171
Resposta ao Improviso do autor.	172
Outra resposta.	173
Resposta do Autor.	174
Outra resposta.	175

Aos annos da Senhora D. M ^a do Cenaculo Madureira.	176
Improviso a um motivo.	179
Á S ^{ra} Condessa d'Oeynhausen, improviso.	182
Resposta ao improviso.	184
Francilia ao Autor.	186
Resposta do Autor.	190
Osmia ao Autor.	193
Resposta de uma Senhora ao Autor.	195
Concelhos dados por uma Senhora ao Au- tor, em francés.	196
Epistola do S ^r P. J. de Mello ao Autor.	197
Ode de Filinto Elysio ao Autor.	208
Quadra do Autor glozada pela Senhora Condessa d'Oeynhausen.	211
A mesma quadra glozada pelo S ^r Maciel Monteiro.	214
Soneto mandado da Bahia ao Autor.	217
Quadras mandadas do Rio de Janeiro ao Autor.	218

ERRATA

DO TOMO PRIMEIRO.

76
79
82
84
86
90
93
95
96
97
08
11
14
17
18

Pag.	verso	erros	emendas
32	11	dos	de
34	6	feitieira	feiticeira
34	7	emqu	quando
39	18	conduio	conluio
45	12	es gotado	esgotado
46	1	nudita	medita
46	6	queda	quadra
49	lin. 1	Friere	Freire
49	14	aescaes	escacez
50	12	prestanas	pestanas
53	1	tersueto	ter sueto
55	4	tomas	tomou
63	16	pena	penna
64	3	no	não
67	3	tuda	tudo
77	19	paz	por
78	19	Roma	Romana

Pag.	verso	erros	emendas
82	10	a lado	alado
85	18	có essa minha igual	có essa gente min ha igual
88	20	penna	pena
112	7	vaguedo	vagueado
115	3	a terra	aterrã
115	21	amão	a mão
135	6	la	da
137	10	condivão	convidem
142	12	no	nos
150	14	es braveja	esbraveja
169	13	o	a
173	10	de	do
177	16	do	da
185	linha ult.	Condeça	Condessa
201	18	sal	salla
202	10	a pre	apre
205	25	me tendo	metendo
206	1	humanel	um anel
207	14	asso alhado	assoalhado

73. 7. 46

POESIAS

OFERECIDAS

AS SENHORAS BRAZILEIRAS

POR UM BAHIANO.

Trop occupé pour corriger,
Je vous livre mes rêveries.

.....

J'abandonne l'exactitude
Aux gens qui riment par métier.
D'autres font des vers par étude.
J'en fais pour me désennuyer.

PARIS, IMPRIMERIE DE C. FARCY,
rue de la Tabletterie, n° 9,